BOLETIM DO ARQUIVO HISTÓRICO DE JOINVILLE

Vol. XVI, n. 21,
julho, agosto, setembro, 2022.
ISSN 14133434

Sumário

Editorial – Uma longa jornada – Giane Maria de Souza 3

Arquivo Histórico – Algumas Histórias – Maria Luisa Jesus Nicolau – Giane Maria de Souza 4

Pesquisadores e o AHJ – Uma rebelião nazista contra Hitler? Wilson de Oliveira Neto 6

História Institucional – Ana Rita Uliano da Silva – Giane Maria de Souza 26

Difusão Cultural – Preservando memórias: uma experiência de digitalização – Thainá Camila Tambosi 29

Educação Patrimonial – Atendimentos educativos e visitas guiadas ao acervo do AHJ 30

Divulgação científica do AHJ – Fundo “Escola Prática de Comércio Joinvile” (1950-1992) – Thainá Camila Tambosi 41

Professores e o Arquivo – Considerações conceituais em torno da modernidade e do passado – Afonso Imhof 46

Teses e Dissertações de Pesquisadores do AHJ – Para quem é a cidade dos imigrantes e da indústria? – Thalissa Cavejon 49

Memória do Boletim – Em cada coração uma saudade… – Elly Herkenhoff 50

Por dentro do acervo 54

O Arquivo e a Cidade – Acessibilidade em espaços culturais – Guilherme Grützmacher Bento 55

Aconteceu em Joinville 56

Expediente 57

Capa: Aquarela em papel 100% algodão, 300 gramas, produzida por Raul Walter da Luz
Dimensões 30 cm x 40 cm, feita en plein aier, executada no local.
Fonte: Acervo Raul Walter da Luz

Editorial

Uma longa jornada

Giane Maria de Souza [1]

Nesta edição que corresponde aos meses de julho, agosto e setembro de 2022, número 21, o Boletim do AHJ, traz um compilado de informações interessantes que permeiam as comemorações dos 50 anos do AHJ, com destaque, para a capa, uma obra de arte em aquarela do arquiteto e urbanista e amigo Raul Walter da Luz produzida no dia 20 de março de 2022. Enfim, seguimos uma nova jornada, com esperanças e velhas lutas. Abrimos a primeira seção com uma menina curiosa pela história de Joinville e pelo acervo do AHJ. Na seção os Pesquisadores e o AHJ temos o prazer de publicar o importante artigo científico do doutor Wilson de Oliveira Neto "Uma rebelião nazista contra Hitler? a "noite das longas facas" e a sua recepção pela imprensa em 1934, uma reflexão que nos ajuda a compreender a origem do autoritarismo e como ele se propaga no interior da sociedade por meio da imprensa, inclusive por meio de fake news. Um compêndio de fotografias do educativo e dos atendimentos das visitas guiadas ao acervo do AHJ no último trimestre mostra o interesse da comunidade pelo AHJ e que o Arquivo está vivo e mais do que nunca promovendo educação patrimonial. Na seção História Institucional apresentamos a querida colega Ana Rita Uliano da Silva que propôs a reciclagem de isopor no AHJ e a partir desta ideia firmarmos uma parceria com a Termotécnica de Joinville.

Thainá Camila Tambosi nos apresenta a nova exposição do AHJ "Preservando memórias: uma experiência de digitalização" e na seção Professores e o Arquivo temos o orgulho de publicar um artigo do saudoso ex-diretor e professor Afonso Imhof "Considerações conceituais em torno da modernidade e do passado" para se problematizar a patrimonialização e os usos do passado. E na seção Teses e Dissertações de Pesquisadores do AHJ, temos um trabalho sociológico sobre os novos grupos imigratórios da professora Thalissa Cavejon "Para quem é a cidade dos imigrantes e da indústria? trajetórias e experiências de mulheres haitianas do bairro Comasa no mercado de trabalho em Joinville/SC". Na seção Memória do Boletim "Em cada coração uma saudade…" de Elly Herkenhoff, um texto datado, mas que merece algumas reflexões sobre a forma como construímos e registramos a história oficial da nossa cidade, portanto, merece reflexões e indagações sobre como ainda divulgamos essa história. Por fim, na seção O Arquivo e a Cidade temos a contribuição do pesquisador Guilherme Grützmacher Bento com o artigo Acessibilidade em espaços culturais, para pensarmos sobre os espaços culturais das nossas cidades e se são acessíveis ou não, ou se há, acessibilidade no tratamento acessível e sensível para o público autista, como nos relata o pesquisador em relação ao AHJ.

[1] Doutora em História pela UFSC, especialista cultural e educadora no AHJ

Arquivo Histórico de Joinville – Algumas Histórias

Maria Luisa Jesus Nicolau, uma menina curiosa pela história

Giane Maria de Souza [1]

O Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) recebe pequenos pesquisadores e visitantes curiosos pela história pela cidade de Joinville. Alguns nos visitam motivados por pesquisas escolares, outros são trazidos pelos pais. Certo dia, Fernanda Pirog Oçoski recebeu a visita de uma menina linda com um sorriso meigo, a pequena Maria Luisa Jesus Nicolau, 10 anos com a sua mãe.

Maria Luisa estuda na Escola de Ensino Básico Engenheiro Annes Gualberto, no bairro Iririú, no período matutino. De acordo com sua mãe Maisa da C. Jesus Nicolau, ela “ama dançar, brincar e ler, é apaixonada por museus, faz pinturas em tela e jiu-jitsu e recentemente saiu do balé, pois gosta de dançar ritmos mais agitados.

Imagens – 1, 2 e 3 Maria Luisa Jesus Nicolau

Fonte: Acervo pessoal de Maisa C. de Jesus Nicolau

A menina se mostra muito curiosa sobre as descobertas do mundo. É muito consciente sobre conservação e ama a natureza. Sempre diz que quer se engajar na luta pela proteção animal. Desde criança a família incentiva visita em programações que envolvam museus, bibliotecas, eventos como contações de histórias e atividades culturais nos conta sua mãe.

[1] Doutora em História pela UFSC, especialista cultural e educadora no AHJ

"Ela gosta de política e diz que um dia quer ser presidente e sonha em conhecer a prefeitura e o prefeito de Joinville"
Quando questionada por que Maria Luisa gosta de vir ao AHJ, a mãe Maisa da C. Jesus Nicolau, responde:

Ela ama história e museus, como havia comentado. Ela super valoriza construções antigas (patrimônio tombado) porque conta a história do lugar. Um dia passando em frente, ela me perguntou o que tinha aí e se era um museu, sobre o quê era? Daí eu disse que era um acervo histórico, exatamente como, coincidentemente havia estudado sobre formas de registro histórico, daí despertou nela a curiosidade de saber que continha aí sobre a história impressa da cidade. E pra ela no dia [de visita ao AHJ] foi bastante curioso saber que existia toda uma técnica de conservação desse acervo, inclusive ao manusear...

Imagens – 4, 5 e 6 Maria Luisa Jesus Nicolau

Fonte: Acervo pessoal de Maisa C. de Jesus Nicolau

Pesquisadores e o AHJ

Uma rebelião nazista contra Hitler? a “noite das longas facas” e sua recepção pela imprensa em 1934

Wilson de Oliveira Neto [1]

Resumo: Desinformação e aquilo que é hoje chamado de fake news foram alguns dos alicerces do movimento/regime nazista na Alemanha, entre 1933 e 1945. O objetivo deste artigo é analisar essas características através da recepção pela imprensa brasileira da década de 1930 de um episódio da história alemã conhecido como “A Noite das Longas Facas”, desencadeada na madrugada do dia 30 de junho de 1934 e que consistiu no extermínio da liderança da milícia do partido nacional-socialista e de adversários e desafetos de Adolf Hitler situados na direita alemã da época. Para essa tarefa, foram consultadas as edições de A Notícia, jornal do estado de Santa Catarina, disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, RJ). Foram constatadas a reprodução pelo jornal da versão oficial apresentada pelo regime nazista e o encantamento dos responsáveis pelo periódico pelo governo nacional-socialista que estava a devolver à Alemanha sua grandeza através da liderança de Hitler.
Palavras-chave: Alemanha; Nazismo/Nacional-Socialismo; imprensa; desinformação; *fake news.*

***Abstract**: Misinformation and the so called fakenews were the pillars of the nazi movement/regime in Germany, between 1933 and 1945. This paper aims at analysing these characteristics through the reception of the press in 1930’s of an episode of the German History known as the “night of the long knives”. It started on 30 June 1934, during the night and consisted in the slaughter of the paramilitary leaders of the National Socialist Party, but also of Adolf Hitler’s opponents and antagonists, who belonged to the German left of the time. To carry out this task we referred to some editions of a newspaper from Santa Catarina called A Notícia. These editions are available in the news digital archive of the National Library (Rio de Janeiro, RJ). We verifyed that the newspaper reported the nazi oficial version and the enchantment of those in charge of the paper, by the national socialist government which was taking Germany back to its former glory under the guidance of Hitler.*
Keywords: Germany; National Socialist; press; misinformation; fakenews.

[1]Professor adjunto da Universidade da Região de Joinville - Univille. Bolsista do Programa de Mentoria da Univille. E-mail: wilson.o@univille.

Imagem 1 – Wilson de Oliveira Neto

Fonte: Acervo pessoal de Wilson de Oliveira Neto

Introdução

Em 25 de abril de 1995, Umberto Eco pronunciou uma conferência organizada pela Universidade de Colúmbia, nos Estados Unidos. O contexto em que ela ocorreu foi o cinquentenário da libertação da Europa pelos Aliados, em 1945. A conferência girou em torno de uma reflexão conceitual e memorialística sobre a experiência histórica do Fascismo. O texto que o autor leu foi publicado, inicialmente, na The New York Review of Books e na Rivista deo Libri. No Brasil, a conferência denominada “O fascismo eterno” foi reunida na coletânea *Cinco escritos morais* (ECO, 1997).

Durante o início de 2018, em um contexto de disputa por hegemonia política no Brasil, “O fascismo eterno” foi reeditado, desta vez, na forma de um pequeno livro publicado pela editora Record, da cidade do Rio de Janeiro. Se as perguntas que os historiadores fazem ao passado têm relação direta com os contextos em que elas são formuladas, é inevitável iniciar este artigo retomando parte dessa conferência sobre aquilo que seu autor denominou “fascismo eterno” ou “ur-fascismo”.

Para Eco (2018), o Fascismo não se restringe a um período da história italiana. Ele não foi somente um movimento e regime políticos situados no tempo e no espaço. De acordo com ele, o Fascismo possui características que resistem contra a ação do tempo e que, dependendo das circunstâncias, reaparecem nos cenários políticos com outras roupagens. Contudo, em essência, permanecem sendo características fascistas.

A manipulação da linguagem é uma das características listadas por Eco (2018). Inspirado em George Orwell (2009), o escritor italiano menciona uma *novilíngua* fascista expressa nos textos escolares e na imprensa, "com o fim de limitar os instrumentos para um raciocínio complexo e crítico" (ECO, 2018, p. 59).

Controlar a linguagem foi uma das primeiras tarefas cumpridas pelo Fascismo e pelo Nacional-Socialismo quando tomaram o poder político na Itália e na Alemanha, respectivamente, em 1922 e 1933. Ao testemunhar a ascensão dos Fascismos na Europa, Walter Benjamin (2012) denunciou a estetização da política pelos movimentos e regimes fascistas. A institucionalização de um controle da linguagem, através desse processo de estetização ou da criação de órgãos governamentais de controle dos meios de comunicação são exemplos desse contexto (EVANS, 2014).

Desinformação e controle da linguagem foram alguns dos alicerces do regime nacional-socialista instalado na Alemanha entre 1933 e 1934, conforme é possível constatar em trabalhos tais como de Paula Diehl (1996), de Wagner Pinheiro Pereira (2012) e da dupla Marcia Mansor D'Alessio e Maria Helena Capelato (2004). O objetivo deste artigo é analisar esses dois alicerces através do estudo de um episódio da história do Nazismo conhecido como "A noite das longas facas" [2]. Ocorrida entre 30 de junho e 2 de julho de 1934, ela consistiu na eliminação da liderança da milícia do movimento nacional-socialista, as *Sturmabteilung* – SA, e de antigos rivais políticos do Nazismo situados na direita alemã da época, a exemplo do General Kurt von Schleicher e o líder da Ação Católica Erich Klausener (EVANS, 2014; KERSHAW, 2016; SHIRER, 1963).

No segundo volume da sua trilogia sobre o Terceiro Reich, Richard Evans (2014) informa que a escala dos assassinatos perpetrados durante a noite das longas facas foi considerável. Há certeza de 85 pessoas eliminadas, das quais 12 parlamentares alemães. Através do controle dos meios de comunicação, a chacina foi apresentada aos públicos da Alemanha e do exterior como a resposta a uma conspiração das SA e do General von Schleicher contra o então chanceler Hitler, que visou a sua queda e ao desencadeamento de uma segunda revolução nacional-socialista que conduziria a Alemanha ao caos (EVANS, 2014).

[2]Em língua alemã, Nacht der langen Messer. De acordo com Ian Kershaw (2010), esse nome se origina de um dos versos de uma canção entoada pelas SA em alusão a esse evento. Na Alemanha, a "Noite das longas facas" é conhecida entre os estudiosos como Röhm-Putsch (LEBENDIGES MUSEUM ONLINE, 2021).

Quais foram as evidências dessa rebelião nazista contra Hitler apresentadas à imprensa? Como foi a recepção desses fatos pela imprensa periódica da época, em especial, a brasileira?

Em 1932, foi fundado no Brasil o maior partido político de orientação fascista fora da Europa, a Ação Integralista Brasileira – AIB. Paralelamente, o *Landesgruppe Brasilien* representou a principal seção do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães no exterior, com um total de 2.903 membros registrados (BERTONHA, 2019; MORAES, 2018).

Ao mesmo tempo, jornais brasileiros expressaram simpatias ao regime nazista. É o caso do jornal *A Notícia*, objeto empírico deste artigo. Ele foi lançado na cidade de Joinville, Santa Catarina, em 1923, pelo jornalista Aurino Soares. Durante sua primeira fase, entre 1923 e 1944, é possível constatar em suas edições o encantamento com o governo nacional-socialista, a exemplo da edição de 13 de julho de 1934, cuja matéria de primeira página destacou que pela vontade inabalável de Adolf Hitler “a Alemanha voltará à posição que lhe pertence, como expoente da cultura e da civilização do mundo” (A JUSTIÇA..., 1934, p. 1).

A matéria foi ilustrada com uma grande xilogravura assinada por um certo “Bubi” em que foram retratados Hitler e Hermann Göring entre uma águia estilizada e uma suástica (figura 1).

Figura 1: detalhe da primeira página da edição de 13 de julho de 1934 do jornal “A Notícia”

Fonte: BN Digital.

O município de Joinville tem suas origens situadas em uma colônia europeia denominada Dona Francisca, fundada em 9 de março de 1851, no contexto da colonização de povos de língua alemã no estado de Santa Catarina. Durante o início da década de 1930, o cotidiano joinvilense foi fortemente marcado por uma cultura com fortes traços alemães, especialmente, nos usos escrito e oral da língua alemã, assim como a presença econômica e política da Alemanha, expressa pela existência de uma representação consular desse país no município. Em uma das suas discussões sobre as relações entre Comunicação e História, Marialva Barbosa (2018) afirma que o olhar histórico sobre os processos e as práticas comunicacionais implica a compreensão de como as sociedades se relacionam com suas respectivas expressões públicas.

Nas regiões de colonização alemã no Sul do Brasil, a exemplo de Santa Catarina, a comunicação por meio da imprensa foi fundamental para seus habitantes não somente como uma forma de obtenção de notícias, como também um dos meios de afirmação de identidades culturais e de posicionamentos políticos (SEYFERTH, 1982).

A primeira fase do jornal *A Notícia* foi encerrada em dezembro de 1944, após o falecimento do seu fundador. Ele voltou a circular no nordeste catarinense em 1946. O envolvimento do Brasil com a Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados fez com que as diretrizes para a imprensa brasileira emitidas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, órgão responsável pelo controle dos meios de comunicação no Brasil durante o regime do Estado Novo (1937 – 1945), torna-se uma linha editorial pró-Alemanha insustentável, como é possível constatar no estudo de Silvana Goulart (1990). *A Notícia* se adaptou às circunstâncias e durante o período em que o Brasil participou da Segunda Guerra Mundial, entre 1942 e 1945, mudou sua linha editorial, atacando o Eixo e defendendo a "causa" aliada, além de denunciar a ação da "quinta-coluna" em Joinville e Santa Catarina.

Contudo, em 1934, essa mudança estava longe de ocorrer. Daí, as edições do jornal *A Notícia* entre fim de junho e meados de julho de 1934 serem a fonte privilegiada deste trabalho.

Foram consultadas as edições digitalizadas e disponíveis para o público na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro, RJ). As matérias e notas específicas sobre os eventos relativos à noite das longas facas coletadas nessas edições foram analisadas a partir de uma abordagem qualitativa que envolveu a consulta de outras fontes primárias e secundárias, conforme orientam trabalhos sobre metodologia de pesquisa em periódicos, a exemplo de Marialva Barbosa (2018) e Tania Regina de Luca (2011).

1. A "noite das longas facas" segundo a historiografia

Desde o seu aparecimento com maior destaque no cenário político alemão, durante a década de 1920, o Nazismo é tema de escritos das mais variadas origens, tais como políticas e históricas, a exemplo do *Münchener post*, jornal ligado ao Partido Social-Democrata alemão e principal adversário do Nacional-Socialismo até a destruição da sua redação, em 9 de março de 1933, na cidade de Munique (BITTENCOURT, 2013).

Leon Trótski (2019, p. 55-56), por exemplo, ao comparar o Fascismo com o Nazismo, classificou ambos como movimentos de massa, cujas lideranças empregaram "uma boa dose de demagogia socialista, o que é necessário para a criação de um movimento de massa". Para ele, a base política desses dois movimentos era a pequena burguesia.

O fim da Segunda Guerra Mundial na Europa, em maio de 1945, foi acompanhado pela revelação dos crimes de guerra e contra a humanidade perpetrados pelos alemães em seu próprio território, assim como nos diversos países europeus ocupados pelas forças armadas da Alemanha entre 1939 e 1945. Do ponto de vista dos estudos históricos, o pós-guerra foi o pano de fundo em que surgiram duas influentes interpretações sobre o movimento e o regime nazistas: uma doença moral ou a obra “de um único ‘gênio demoníaco’, louco e assassino, de um monstro pervertido” (CYTRYNOWICZ, 1995, p. 210).

O “gênio demoníaco” é Adolf Hitler e a impressão que esse tipo de interpretação histórica passa é que das cervejarias de Munique, no começo da década de 1920, ao amargo fim em um abrigo subterrâneo localizado nos jardins da Chancelaria do Terceiro Reich, na cidade de Berlim, em 1945, estava claro que Hitler lideraria o movimento nacional-socialista e a Alemanha.

Contudo, pelo menos desde a década de 1960, através de trabalhos de autores tais como Karl Dietrich Brancher (1971), Nikolai Tolstoy (1976) e William Shirer (1963), o percurso político de Hitler dentro e fora do Nazismo é analisado com mais nuanças.

Não estava claro em 1919, muito menos em 1933, respectivamente, que Hitler se tornaria líder absoluto do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães e sucessor do presidente Paul von Hindenburg quando este morresse. Entre o seu ingresso no Partido dos Trabalhadores Alemães, em 1919, e o reconhecimento do generalato alemão como sucessor de Hindenburg, em 1934, Hitler teve sua autoridade no movimento nazista contestada em diversas ocasiões e cultivou desafetos com militares e políticos ligados à direita alemã. Após a noite das longas facas, porém, o caminho para o chanceler Hitler se transformar no *Führer* foi limpo de qualquer obstáculo.

1.1 Um problema chamado Sturmabteilung

Os quinze anos que separam o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, e a nomeação de Hitler para o cargo de Chanceler, em 1933, foram marcados por uma forte violência política na Alemanha. Entre 1918 e 1923, ocorreu a Revolução Alemã que, segundo Isabel Loureiro (2005), consistiu na primeira revolução socialista desencadeada em uma sociedade industrial e urbana desenvolvida. Contudo, diferente da Revolução Russa, explica Loureiro (2005), o processo revolucionário alemão foi violentamente interrompido, através da reação militar das elites alemãs e dos desencontros entre as esquerdas comunista e social-democrata da Alemanha da época.

No campo da luta armada, a derrota das esquerdas durante a Revolução Alemã é atribuída ao emprego de milícias formadas por ex-combatentes do extinto Exército Imperial Alemão denominadas *Freikorps*, nome este que pode ser traduzido para a língua portuguesa como “Corpo de Voluntários”, já que a palavra é a abreviatura de *Freiwillige Korps*. Entre o fim da década de 1910 e o início dos anos de 1920, foram organizados diversos *Freikorps* pelo território alemão. Um dos reflexos da derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial foi a redução da sua força terrestre a uma “Defesa Nacional” ou *Reichswehr* com um efetivo total de cem mil homens. Em um contexto marcado pela luta armada revolucionária e por movimentos separatistas no Báltico e na Silésia, o governo alemão da época teve de apelar para a formação de milícias, muitas das quais fardadas e armadas com recursos da própria *Reichswehr*. Do ponto de vista ideológico, os milicianos envolvidos com os *Freikorps* se encontravam no espectro político da direita, anticomunistas/socialistas, conservadores e monarquistas (JURADO, 2001).

Os *Freikorps* foram dissolvidos após a derrota da Revolução Alemã. Contudo, eles influenciaram a formação de milícias entre os grupos políticos alemães da época – tanto nas esquerdas quanto nas direitas.

Na Alemanha, durante o “entreguerras”, a política envolveu o uso da violência, tal como denuncia uma charge do artista alemão Erich Schilling (1885 – 1945), publicada em uma das edições da revista *Simplicissimus*, de 1932. Nela, foram retratados quatro brutamontes, cada um ligado aos mais importantes partidos políticos da época – comunista, nazista, católico e social-democrata. Com traços brutos e ameaçadores, todos estão a jurar combater a República, além de se digladiarem mutuamente (ABRIL CULTURAL, 1968).

“Foi nessa atmosfera de trauma nacional, extremismo político, conflito violento e sublevação revolucionária que o nazismo nasceu”, situa Richard J. Evans (2014, p. 119). Interessa para este trabalho, a milícia do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, as *Sturmabteilung*, os “Destacamentos (ou Seções) de Assalto”, em uma tradução livre para o português.

Nikolai Tolstoy (1976) informa que as SA foram criadas por volta de 1921, como um braço armado para proteger os eventos públicos nazistas dos seus opositores, entre os quais, os comunistas, assim como atacar, intimidar e mesmo assassinar seus adversários políticos, em especial, os comunistas, além de aterrorizar as comunidades judaicas e dissuadir os cidadãos alemães de qualquer forma de animosidade com o Nacional-Socialismo.

O responsável pela criação e pela organização da milícia nazista foi o ex-Capitão do Exército Imperial Alemão Ernst Röhm. De acordo com Tolstoy (1976), desde a época da Revolução Alemã, Röhm estava envolvido com as milícias ligadas à reação alemã. Na condição de oficial da *Reichswehr*, ele fardou e armou ilegalmente diversos grupos armados, genericamente conhecidos como *Reichswehr* Negra. Inicialmente, o caráter miliciano das SA foi disfarçado sobre o nome de Seção de Ginástica e Esportes.

No seu auge, as *Sturmabteilung* reuniram um efetivo de três milhões de homens, distribuídos pelo território alemão. No alto da sua cadeia de comando estava o próprio Hitler, seguido pelo comandante efetivo da organização, o Chefe do Estado-Maior (*Stabschef*) Ernst Röhm. Em ordem decrescente, os milicianos das SA foram organizados através do seguinte dispositivo: *Gruppe; Brigade; Standarten; Sturmbann; Sturm; Truppe;* Esquadra. Dentro do organograma do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, as SA estavam situadas no mesmo nível hierárquico de outras organizações partidárias, a exemplo do Corpo Motorizado Nacional-Socialista (NSKK), a Juventude Hitlerista (HJ) e as SS (ZENTNER, 1965).

Da sua criação, em 1921, ao extermínio da sua liderança, em 1934, as SA desempenharam um papel importante na projeção do Nazismo sobre a Alemanha.

Especialmente, quando foi necessário o uso da violência. Contudo, desde os seus primórdios, em diversos momentos, os interesses do comando da milícia nazista entraram em rota de colisão com os interesses de Hitler. O pomo da discórdia foi a interferência de Adolf Hitler nos assuntos internos da milícia, que limitava a tomada de decisão pelos seus comandantes.Contudo, tanto autores clássicos, a exemplo de Nikolai Tolstoy (1976) e William Shirer (1963), quanto estudiosos contemporâneos, tais como Ian Kershaw (2016) e Richard Evans (2014), são unânimes em afirmar que, apesar dos conflitos de interesses, não há indícios documentais que apontam para uma conspiração dos líderes das SA, em especial Röhm, para tomar o poder de Hitler tanto no partido nazista quanto como chanceler.

A posse do cargo de Chanceler por Hitler, em 30 de janeiro de 1933, foi celebrada pelos nazistas como uma “revolução nacional” que salvaria a Alemanha da ameaça da bolchevização e dos efeitos da Crise de 1929. Contudo, pelo menos, sob a óptica de Adolf Hitler, tal revolução teria seus limites e não afetaria o *status quo* das elites tradicionais alemãs, em especial, os grandes empresários e os militares. Se, pelo menos, até 1933, o Nazismo possuiu uma dimensão revolucionária, conforme vem sendo constatado por autores nacionais e internacionais, a exemplo de Denise Rollemberg (2017) e Mark Mazower (2001), a partir daquele momento, tal característica se tornou uma ameaça para o projeto de poder do próprio Hitler.

Especialmente, em 1933, pois não estava certo de que ele sucederia o enfermo e senil presidente Hindenburg quando da sua morte. Segundo Shirer (1963), o generalato alemão cogitava restaurar a Monarquia na Alemanha e reconduzir ao poder a dinastia Horenzollern deposta em 1918.

Entre 1933 e 1934, a milícia nazista foi o principal meio de expressão do radicalismo do Nacional-Socialismo. Através do Chefe do Estado-Maior das SA, falava-se em uma “segunda revolução” que concluiria o processo iniciado por Hitler, erradicando da Alemanha os plutocratas e os reacionários. Para compreender o que os nazistas entendiam por “capitalistas” ou “plutocratas” é necessário recorrer ao trabalho de Jean-Louis Vullierme (2019), que avaliou a influência do Antissemitismo estadunidense, em especial, de Henry Ford, sobre a ideologia nacional-socialista: os judeus eram uma dupla ameaça contra a civilização ocidental, na medida que constituíam uma raça que controlava a grande imprensa internacional, o mercado financeiro e as profissões liberais, assim como estavam infiltrados nos movimentos políticos de esquerda, tais como o Bolchevismo e a Social-Democracia. Seguindo a trilha aberta por Ford, os nazistas entendiam a Plutocracia como uma expressão nociva de um tipo de capitalismo internacional e racial dominado pelos judeus (VULLIERME, 2019).

Os “reacionários” representavam as elites militares e políticas alemãs tradicionais católicas, monarquistas e situadas no espectro político da direita. Gente como o Vice-Chanceler Franz von Papen ou como os integrantes do generalato da Reichswehr, cuja cultura militar de matriz prussiana provocava aversão à gente como o ex-Capitão Ernst Röhm. A recíproca era verdadeira. Röhm e seus subalternos eram gays. Na Alemanha da época, além de ser considerada uma doença, a homoafetividade era criminalizada pelo Código Penal vigente no país desde 1871. Aos olhos da elite militar alemã, Röhm era uma aberração, assim como sua pretensão em fundir as SA e a Reichswehr em um exército nacional-socialista que seria um dos esteios da segunda revolução (EVANS, 2014; SHIRER, 1963; TOLSTOY, 1976; ZENTNER, 1965).

Apesar de reduzido a um contingente de cem mil homens, no começo da década de 1930, o Exército era a única organização militar profissional na Alemanha, cujos efetivos eram, em todos os níveis hierárquicos, altamente adestrados, equipados e armados, cujo emprego derrotaria os amadores, arruaceiros e rufiões reunidos pela milícia nazista. Embora superior do ponto de vista quantitativo, qualitativamente, as Sturmabteilung não teriam a menor chance contra os efetivos da Reichswehr. Além disso, o generalato da época era o fiel da balança no que se refere à sucessão do presidente Hindenburg. Se Hitler desejava se tornar o Führer dos alemães após a morte do Marechal, ele teria de negociar o apoio dos generais (EVANS, 2014).

“Em um cruzeiro de quatro dias no Deutschland, uma embarcação da Marinha, ao largo da Noruega, em meados de abril, Hitler, Blomberg e os altos oficiais militares parecem ter chegado a um acordo de que as SA deveriam ser refreadas”, revela Evans (2014, p. 48). O “refreio” ocorreu entre os dias 30 de junho e 2 de julho de 1934, através de uma chacina em que foram assassinados os líderes da milícia nacional-socialista e antigos adversários e desafetos de Hitler, Hermann Göring, Heinrich Himmler e Reinhard Heydrich, estes três últimos responsáveis pelo planejamento e pela execução daquilo que ficou conhecido como “A Noite das Longas Facas” ou Nacht der Langen Messer.

2. Uma rebelião nazista contra Hitler? A “noite das longas facas” segundo a imprensa

No jornal A Notícia, as primeiras matérias publicadas sobre o episódio que ficaria conhecido como a “Noite das Longas Facas” apareceram em sua edição de 1º de julho de 1934. Como nos demais jornais brasileiros da época, A Notícia possuía um design jornalístico tipográfico, conforme a classificação de Eduardo Nunes Freire (2009).

Os conteúdos escritos e visuais de um jornal estão organizados conforme um dispositivo, cuja articulação confere a esses conteúdos coerência e coesão, identidade e poder de convencimento perante seu público leitor. No Campo da Comunicação, esse dispositivo é conhecido como design jornalístico. Ainda em Freire (2009), entre os anos de 1875 e 1969, a imprensa periódica brasileira viveu uma fase tipográfica, caracterizada pela impressão quase artesanal, pela enunciação de conteúdos semelhante aos dos livros, pelos poucos recursos gráficos e pela tipografia restrita a uma mesma família de letras com a mesma altura.

Apesar dos seus recursos gráficos parcos, as primeiras menções sobre um “movimento revolucionário” que ameaçava a autoridade do então chanceler Hitler ganharam destaque através de uma diagramação que envolveu imagens e textos escritos. No alto da primeira página, sobre o cabeçalho do jornal e entre os retratos impressos de Adolf Hitler e Franz von Papen, é anunciado em letras maiúsculas e em negrito:

> Contrariando as afirmações de Hitler, de que a Alemanha seguiria apenas para frente, o movimento revolucionário que acaba de explodir em Berlim decidirá se a nação rumará para a direita, com o Fuehrer, ou para a esquerda contra Hitler (A NOTÍCIA..., 1934, p. 1).

O periódico não deixou claro o que entende por “direita” ou “esquerda”. Aliás, como ensina o cientista político Norberto Bobbio (2012), esses espectros políticos, desde suas origens, recebem sentidos e significados variados. É possível que, no caso da citação anterior, as palavras “direita” e “esquerda” tenham sido empregadas no sentido de manutenção da ordem (direita) e caos revolucionário (esquerda). Pois, como informa Evans (2014), o extermínio da liderança das S.A. foi apresentado à imprensa como uma resposta contra uma conspiração que visou desencadear na Alemanha uma segunda revolução que, a despeito da primeira, liderada por Hitler, mergulharia o país no caos.

Esse foi o enredo assimilado pelo jornal, conforme é possível constatar ainda na edição de 1º de julho, assim como nas edições seguintes. Antes de prosseguir com a análise, porém, vale ponderar que a recepção dessa narrativa oficial não foi consensual. É o que sugere o diário de William Shirer (s.d.), em especial, nas entradas feitas nos dias 30 de junho e 14 de julho de 1934. Na época, radicado em Paris na condição de correspondente do jornal New York Herald Tribune, ele registrou que: “Todas as comunicações com Berlim foram suspensas hoje, durante várias horas. [...]. Hitler e Göring levaram avante um ‘expurgo’ das S.A. (tropas de choque), fuzilando a maioria dos seus chefes” (SHIRER, s.d., p. 15 – 16).

Dias depois, na entrada de 14 de julho: “Sabe-se que agora o ‘expurgo’ de Hitler foi muito mais violento de que a princípio supunha. [...]. Assim, Hitler se vingou pessoalmente dos seus inimigos” (SHIRER, s.d., p. 16).

Diferente desses registros, o noticiário publicado pelo jornal A Notícia reproduziu a versão oficial do governo alemão: um movimento “insurrecional” liderado pelo líder das S.A., ex-Capitão do antigo exército do Império Alemão, Ernst Röhm.

> Um movimento insurrecional chefiado pelo Cap. Röhm.
> Berlim, 30 – Parece haver nas cercanias da Capital [alemã] algo de anormal, constando mesmo que o chefe do Estado-Maior das tropas nazistas [isto é, das S.A.], Cap. Röhm estava chefiando um movimento insurrecional (BERLIM..., 1934, p. 1).

Paralelamente aos primeiros informes sobre o “movimento revolucionário”, “insurrecional”, “intentona” ou “antinazista” (sic.) liderado por Röhm, o jornal A Notícia destacou a violência com que, especialmente, Hermann Göring reprimiu os insurgentes. “De Berlim informam que o Sr. Göring afirmou que todos os que resistirem ao governo seriam mortos” (BERLIM..., 1934, p. 1). Ainda na edição de 1º de julho, foram contabilizadas a morte de sete camisas pardas, isto é, de integrantes da milícia nazista insurgentes.

A contabilidade macabra prossegue com destaque na primeira página da edição de 3 de julho, segundo a qual ainda era grave a situação na Alemanha, com um saldo até aquele momento de 63 líderes milicianos fuzilados. “O governo, ao que se sabe, ordenou nesta manhã vários fuzilamentos [...]” (É GRAVE..., 1934, p. 1).

Apesar da chefia de governo estar nas mãos de Hitler, o homem de ação, segundo é possível constatar nas notícias, é Göring. Ele é o homem forte do governo, responsável por colocar em prática a repressão ao movimento e castigar os insurgentes. Aliás, na narrativa publicada pelo jornal A Notícia, há os “mocinhos” e os “bandidos”, sendo os primeiros representados pelo Chanceler Adolf Hitler e pelo Presidente do Conselho da Prússia Hermann Göring. Já a traição e a vilania são atribuídas aos líderes “insurgentes” da milícia nacional-socialista, em particular seu comandante, Ernst Röhm, e a outros personagens, tais como o General Kurt von Schleicher e esposa mortos por resistirem à prisão (BERLIM..., 1934, p. 6).

De acordo com Richard Evans (2014), foi Göring quem ordenou a uma fração armada da SS e de agentes da Gestapo que tomasse de assalto a sede da Vice-Chancelaria do governo alemão, onde o secretário do então vice-chanceler Franz von Papen, Herbert von Bose, foi sumariamente abatido a tiros.

Porém, segundo a narrativa oferecida à imprensa:

> Correm numerosas versões a respeito da morte do ajudante de ordens de von Papen, Sr. Herbert Bose, que teria ocorrido [durante] a entrada da polícia, quando a mesma procurava ou pretendia estabelecer o paradeiro do vice-chanceler do Reich. No momento em que, alarmado, von Bose tomou um fuzil, foi atingido por seis disparos da polícia (É GRAVE..., 1934, p. 1).

A condenação do movimento insurgente foi reforçada na edição de 04 de julho, com a publicação de uma carta assinada por um funcionário do Consulado Alemão em Joinville chamado “Erckert”, destinada ao redator do jornal A Notícia, Heraclito Lobato. A missiva foi entregue em mãos por um representante do grupo local do NSDAP, o Sr. Clemente Schmidt, cujo conteúdo foi transcrito a seguir:

> Joinville, 2 de julho de 1934.
> Prezado senhor redator!
> No intuito de destruir aqui os boatos divulgados dizendo que no meu país o movimento insurrecional chefiado por alguns traidores egoístas não seja ainda suprimido e como se estivesse em perigo o governo nacional-socialista, participo à V.S. que fui informado por fonte autêntica que os conspiradores foram presos pelo próprio “Fuehrer” antes do apontamento planejado pelos mesmos na manhã de 30 p. pas. em Wiesee, perto de Munique, sendo punidos severamente, tendo sido aplicada severamente a lei com todo rigor e que o governo do Reich absolutamente é senhor da situação já normalizada.

> Notícias contrárias somente poderão ser divulgadas pelos adversários da nova Alemanha, na intenção maliciosa de difamar. As manifestações inumeráveis de fidelidade e solidariedade, as quais o Chanceler já recebeu de todas as regiões do Reich e dos alemães do exterior provam evidentemente que o "povo" unanimemente segue o seu grande "Fuehrer".
> Ficar-lhe-ia pois muito grato se V.S. tivesse a bondade de publicar a comunicação supra no seu prezado jornal pelo que agradeço-lhe desde já.
> Prevaleço-me do ensejo de apresentar a V.S. os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.
> O Encarregado Interino do Consulado Alemão:
> Erckert (A SITUAÇÃO..., 1934, p. 2).

Na mesma edição o periódico aprova a enérgica "ação de repressão" e afirma que: "As execuções capitais não podem ser reprovadas" (O MOVIMENTO..., 1934, p. 1). A Hitler é atribuída a coragem em tomar a decisão de fuzilar seu antigo companheiro de movimento nacional-socialista Röhm, cuja notória homossexualidade serve de argumento para sua desmoralização e condenação.

> Numerosos comunicados oficiais patentearam a vergonha de homens que, ainda na véspera estavam cobertos de honras. Não se compreende como os conspiradores podiam, no momento em que faziam levantar a insurreição nas ruas de Munique, entregar-se a atos de depravação numa casa de campo situada a poucos quilômetros desta cidade [Berlim] (O MOVIMENTO..., 1934, p. 1).

Durante a noite anterior ao início das prisões e das execuções, a liderança da milícia nazista estava reunida no Hotel Hanselbauer, no balneário de Bad Wiessee. Após um período de licença de trinta dias, o Estado-Maior das S.A. tinha recebido a promessa de um entendimento com Hitler e estava a celebrar através de bebedeiras e orgias, explica Evans (2014). Quando Hitler acompanhado por guarda-costas, policiais e SS invadiram o hotel, durante a fatídica manhã de 30 de julho de 1934, apanhou suas vítimas de surpresa, que estavam a dormir com seus amantes em seus respectivos quartos, a exemplo de Edmund Heines. A homossexualidade do Estado-Maior das S.A. sempre foi algo público e notório, além de alvos de escárnio dos adversários políticos do Nacional-Socialismo, tais como os comunistas. Além de considerada doença, a homossexualidade na Alemanha, durante a década de 1930, era crime previsto no Código Penal Alemão de 1871. Como em outros países europeus da época, a exemplo da Grã-Bretanha, homossexualidade era crime, doença e tabu. Um prato cheio para a narrativa oficial. Contudo, até o início da Segunda Guerra Mundial, em 1939, essa não seria a última vez em que a moralidade sexual seria usada de arma contra os adversários de Hitler. Em 1938, o General Werner von Fritsch foi acusado de ser homossexual e afastado de suas funções militares no contexto de embate contra Hitler acerca do seu belicismo com relação à Europa (EVANS, 2014).

Entre os dias 13 e 18 de julho de 1934 foram publicadas as últimas notícias acerca dos “acontecimentos na Allemanha”. Tendo como manchete a frase “A Justiça é a vontade firme e constante de dar a cada um o que lhe é devido”, foi publicada na primeira página do periódico uma defesa da Alemanha e de Hitler que, apesar de anônima, provavelmente, foi escrita por Heráclito Lobato, redator do jornal A Notícia responsável na época por redigir as opiniões do jornal:

> A Alemanha perseguida, a Alemanha insultada, a Alemanha espezinhada encontrou em um homem, que personifica toda a energia da raça, a alavanca que, apoiada na base do patriotismo admirável do povo, reergueria o colosso às alturas que ele outrora esteve elevado.
> Expoente da cultura e da civilização do mundo, a Alemanha não poderia continuar abatida miseravelmente ante as imposições de outras potências, imposições nascidas de velhos ódios, nascidas, principalmente, do orgulho de uma vitória que não deveria orgulhar ninguém. Por isso que ela surgiu da conjugação de esforços de mil contra a um, de um mundo contra um país.
> Era fatal e era inevitável a reação da Alemanha diante do papel miseravelmente passivo que lhe pretendiam fazer representar no drama do seu próprio aniquilamento.
> A Alemanha acolheu Hitler e, num bloco coeso e inamovível, pôs-se de anteparo a sua ação, exatamente e indisfarçavelmente, porque viu que Hitler era o homem chamado para dirigir o seu reerguimento.
> País das Valquírias, país heróico e estoico, grande Alemanha! Povo de heróis, povo civilizado e civilizador! Às tuas portas não rondam as sombras do aniquilamento, nem os fantasmas da submissão.
> É antes a glória do ressurgimento, é antes a consagração de teu protesto que se levantam, imagens luminosas a invadir as fronteiras de tua pátria!
> Acolhei-as que elas são obras tua! (A JUSTIÇA..., 1934, p. 1)

O texto defende a ideia de um “renascimento” da Alemanha, cujo contexto em que ocorre torna justa a reivindicação alemã de soberania e de desempenhar um papel de destaque no cenário internacional. “A Alemanha reivindica para si apenas o que lhe é devido”, destaca o texto, sendo Adolf Hitler o líder destinado a conduzir esse processo (A JUSTIÇA..., 1934, p. 1).

A exaltação é encerrada com um elogio a Hermann Göring, retratado em toda essa narrativa como o fiel homem-forte de Hitler, “que não hesita diante de qualquer sacrifício em benefício da pátria” (A JUSTIÇA..., 1934, p. 1).

Richard Evans (2014) ao estabelecer as diferenças entre o comunismo e o nazismo, destacou, entre outras coisas, que o primeiro defende uma ditadura do proletariado, ao passo que o nacional-socialismo defende a implantação de uma ditadura do líder, expressa através do princípio de liderança ou Führerprinzip, segundo o qual a liderança de Hitler é inquestionável e infalível, sendo o único capaz de devolver à Alemanha seu lugar de destaque no concerto das nações.

.

Não foi, portanto, por acaso, que a narrativa sobre a Noite das Longas Facas oferecida pelo jornal A Notícia também foi uma narrativa de exaltação da Alemanha de Hitler.

Na edição de 14 de julho, destaque na primeira página do jornal para um discurso proferido pelo então chanceler Adolf Hitler durante a abertura dos trabalhos do parlamento alemão no *Reichstag*, durante a noite de 13 de julho, em Berlim. O discurso foi transmitido através da rádio, sendo encerrado às 21h40min do horário local. Em sua fala, Hitler assumiu toda a responsabilidade pelas execuções dos integrantes das SA e das SS envolvidos com o conluio (O "FUEHRER"..., 1934).

Contudo, na página seguinte da mesma edição de *A Notícia*, uma pequena matéria despachada da capital austríaca, a cidade de Viena, também do dia 13 de julho, que apresentou pela primeira vez uma visão diferente da narrativa oficial do governo alemão sobre os acontecimentos de 30 de junho a 2 de julho, na Baviera. Sob o título "Os 'sangrentos' acontecimento de Munich" (1934) foi publicado o depoimento de uma testemunha "de vista" (ou ocular) dos fatos de 30 de julho. Um testemunho anônimo de uma pessoa, cujo nome constava na lista de pessoas a ser exterminadas pelas SS e que somente escapou à morte certa, pois foi avisada acerca da ação orquestrada por Hitler e seus seguidores. Refugiada em Viena, a testemunha fez o seguinte relato:

> Segundo as declarações da testemunha em questão, as execuções ordenadas pelos Srs. Hitler e Goering seriam em consequência de certos receios há muito sentidos pelos dirigentes nazistas e que tinham se agravado consideravelmente devido à duas tentativas de atentado de que teria sido recentemente alvo o Fuehrer, em Chorfneider [sic.], perto de Berlim, e nas proximidades de Essen.
> Em ambos os casos, os inquéritos instaurados teriam provado que os agressores eram membros das tropas de assalto. A testemunha afirma, entretanto, que nenhum complô fora tramado contra o chanceler e que, antes de morrer, os chefes das tropas de assalto declararam todos que estavam inocentes. No dia em questão, nenhum chefe de divisão das tropas de assalto se encontrava no seu posto, o que provara que não projetavam de maneira nenhuma uma revolta. Não se podia, porém, negar, que reinasse forte descontentamento entre as tropas de assalto. Estas achavam-se instintivamente persuadidas de que o chanceler, que lhes devia a vitória, as trairia (OS "SANGRENTOS"..., 1934, p. 2).

É impressionante o conteúdo de tal testemunho, especialmente, se for levado em consideração todo o esforço de uma narrativa oficial apresentada ao público e replicada pela imprensa da época cujo enredo girava em torno da traição das lideranças das SA e de um suposto complô contra Hitler.

Apesar de todo comportamento abjeto de oficias como Edmund Heines, um homicida confesso, o fato é que a historiografia especializada, de Shirer (1963) a Evans (2014), por exemplo, é clara em afirmar que Ernst Röhm e seus subordinados jamais conceberam qualquer plano orquestrado para depor Hitler e iniciar uma segunda revolução. A desinformação e aquilo que hoje conhecemos como fake news foram parte do modus operandi do movimento e regime nazistas. Quando Hitler, finalmente, conseguiu se tornar um autocrata, após a morte de Hindenburg, em 1934, desinformação e fake news se tornaram políticas de Estado.

Contudo, é importante indagar se não seria anacronismo imaginar a possibilidade de uma postura crítica do jornal estudado com relação à fonte examinada neste artigo. Afinal, em 1934, para além da "testemunha de vista" mencionada anteriormente, a narrativa oficial sobre aquilo que ficou historicamente conhecido como "a noite das longas facas" poderia ter sido encarada com certo ceticismo por parte da imprensa da época?

Trata-se de uma resposta difícil e que, infelizmente, este artigo não dará conta de responder. Porém, uma pista pode ser encontrada nas entradas de 30 de junho e 14 de julho de 1934 no diário de William Shirer (s.d.), na época correspondente do jornal New York Herald Tribune em Paris, discutidas no início deste trabalho.

Para ele, o que houve foi um expurgo que foi além das SA e muito mais violento do que se supunha e que vitimou líderes políticos rivais existentes dentro da própria direita alemã da época.

Outro aspecto revelador do relato anônimo publicado na edição de 14 de julho de A Notícia é o descontentamento da milícia nazista com os rumos tomados por Hitler após se tornar chanceler. Em um dos capítulos da obra La dictadura nazi, Ian Kershaw (2004) abordou uma das controvérsias existentes entre os intérpretes do regime nacional-socialista a respeito do real alcance do poder político pessoal de Hitler, na condição de líder do regime nazista. Kershaw (2004) vai ao encontro de estudiosos, tais como Brancher (1971), que destacam a forte dimensão autocrática do regime centrada na figura e na liderança de Hitler.

Entretanto, é necessário destacar que tal poder não era evidente quando da nomeação de Adolf Hitler para o cargo de chanceler, em janeiro de 1933. Dentro do próprio Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, apesar de Hitler ser a principal liderança política, ele ainda possuía fortes rivais, tais como os irmãos Strasser. Em sua síntese sobre o Terceiro Reich, Shirer (1963) revela que, inicialmente, o generalato alemão pretendia restaurar a monarquia na Alemanha após a morte do presidente Hindenburg. Além disso, era corrente, entre os líderes milicianos, que Hitler devia sua vitória às SA.

As últimas menções aos acontecimentos de 30 de junho giraram em torno da revelação de que o então vice-chanceler Franz von Papen também estava na lista de pessoas a serem assassinadas. Contudo, a matéria não esclareceu se os assassinos seriam os supostos integrantes rebelados das SA ou as forças policiais da Gestapo e das SS encarregadas de prender e executar os “conspiradores”. A nota enviada de um jornal de Viena encerra informando que, no último momento, von Papen foi salvo pela Reichswehr que enviou uma seção de metralhadoras para guarnecer sua residência (VON PAPEN..., 1934).

Na edição seguinte, de 18 de julho, as “Notícias da Allemanha” consistiram em notas sobre a reorganização das SA, com destaque para a adoção de critérios morais na manutenção dos integrantes dessa organização. Segundo a fonte consultada, o General Kurt Daluege, chefe da polícia prussiana, “serão cuidadosamente examinadas as questões pessoais, visto terem sido abertos inquéritos a respeito da maneira de viver de certas pessoas e da situação de suas finanças” (NOTICIAS..., 1934, p. 1). Na mesma edição, havia outras duas notas sobre a substituição de deputados nacional-socialistas no Reichstag envolvidos com os acontecimentos de 30 de junho e a nomeação de um certo Friedrich como líder das SA na Pomerânia, que substituiu Peter von Heydebreck, executado na prisão de Stadelheim, em Munique, em 30 de junho de 1934.

Considerações finais

O extermínio da liderança da milícia nazista foi seguido nas semanas posteriores por detenções e expulsões de diversos integrantes das SA. Comportamentos considerados, para a época, dissolutos serviram de argumentos para a ampliação do expurgo organizado e conduzido por Hitler e seus sicários mais próximos (EVANS, 2014).

O generalato alemão, representando por von Blomberg, respirou aliviado com a eliminação de um possível poder paralelo ao exército, expressa por uma Ordem do Dia em que esse general elogiou a reação contra a rebelião das SA contra Hitler. Contudo, como constatou Nikolai Tolstoy (1976), o esvaziamento da milícia nacional-socialista foi acompanhado da ascensão das SS, uma das responsáveis pela chacina de 30 de junho, cujo braço armado, as Waffen-SS foi o principal concorrente do exército alemão até o fim do regime, em maio de 1945.

Porém, para o público, esse jogo de poder foi ocultado por uma versão oficial cujo enredo girou em torno da traição da liderança das SA que, ao depor Hitler, pretendia iniciar uma segunda revolução genuinamente nacional-socialista.

Através do noticiário publicado no jornal A Notícia, foi possível acompanhar esse enredo, além de constatar o entusiasmo do periódico pelo regime hitleriano que, em 1934, estava em vias de se consolidar na Alemanha e que teve na desinformação e nas fake news alguns dos seus alicerces.

Referências

Fontes primárias

BERLIM sob o fogo da guerra civil. *A Notícia*, Joinville, v. 13, n. 1752, 1 jul. 1934, p. 1.

A JUSTIÇA é a vontade firme e constante de dar a cada um o que lhe é devido. *A Notícia*, Joinville, v. 13, n. 1761, 13 jul. 1934, p. 1.

A NOTÍCIA. Joinville, v. 13, n. 1752, 1 jul. 1934, p. 1.

A SITUAÇÃO na Alemanha. *A Notícia*, Joinville, v. 13, n. 1754, 4 jul. 1934, p. 2.

É GRAVE ainda a situação na Alemanha. *A Notícia*, Joinville, v. 13, n. 1753, 3 jul. 1934, p. 1.

NOTÍCIAS da Alemanha. A *Notícia*, Joinville, v. 13, n. 1765, 18 jul. 1934, p. 1.

O “FUEHRER” ASSUME TODAS AS RESPONSABILIDADES! *A Notícia*, Joinville, v. 13, n. 1762, 14 jul. 1934, p. 1.

O MOVIMENTO anti-nazista na Alemanha. *A Notícia*, Joinville, v. 13, n. 1754, 4 jul. 1934, p. 1.

OS “SANGRENTOS” ACONTECIMENTOS DE MUNICH. *A Notícia*, Joinville, v. 13, n. 1762, 14 jul. 1934, p. 2.

VON PAPEN ia ser assassinado! *A Notícia*, Joinville, v. 13, n. 1764, 17 jul. 1934, p. 6.

Fontes secundárias

BARBOSA, Marialva. *Uma história da imprensa (e do jornalismo)*: por entre os caminhos da pesquisa. Intercom – *RBCC*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 21 – 36, maio/ago. 2018.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas; v. 1).

BRANCHER, Karl Dietrich. *The German Dictatorship*. Westport: Praeger Publishers, 1971.

BERTONHA, João Fábio. *¿Un fascismo ibérico o latino?* Comparación y vínculos transnacionales en el universo político fascista entre América Latina y la Europa. In.: KOLAR, Fabio; MÜCKE, Ulrich (eds.). *El pensamento conservador y derechistas en América Latina, España y Portugal, siglos XIX y XX*. Madrid; Frankfurt am Main: Iberoamericana; Vervuert, 2019 (Bibliotheca Ibero-Americana; v. 173).

BITTENCOURT, Silvia. *A cozinha venenosa*: um jornal contra Hitler. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

BOBBIO, Norberto. *Esquerda e direita*: razões e significados de uma distinção política. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
CYTRYNOWICZ, Roney. Loucura coletiva ou desvio na história: as dificuldades de interpretar o nazismo. In.: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Segunda Guerra Mundial*: um balanço histórico. São Paulo: Xamã; FFLCH/USP, 1995 (Série Eventos).
DIEHL, Paula. *Propaganda e persuasão na Alemanha nazista*. São Paulo: Annablume, 1996.
D'ALESSIO, Marcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. *Nazismo*: política, cultura e holocausto. São Paulo: Atual Editora, 2004 (Discutindo a História).
ECO, Umberto. *O fascismo eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2018.
_____. Cinco escritos morais. Rio de Janeiro: Record, 1997.
EVANS, Richard J. *O Terceiro Reich no poder*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.
FREIRE, Eduardo Nunes. *O design no jornal impresso diário*. Do tipográfico ao digital. Revista galáxia, São Paulo, n. 18, p. 291 – 310, dez. 2009.
GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial*: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero, 1990 (Onde está a República?).
JURADO, Carlos Caballero. *The German Freikorps 1918 – 23*. Oxford: Osprey Publishing, 2001 (Elite; v. 76).
KERSHAW, Ian. *De volta do inferno*: Europa, 1914 – 1949. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
_____. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
_____. La dictadura nazi: *problemas y perspectivas de interpretacion*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
LEBENDIGES MUSEUM ONLINE. Der Röhm-Putsch 1934. Disponível em: < https://www.dhm.de/lemo/kapitel/ns-regime/etablierung/roehm/>. Acesso em: 24 fev. 2021.
LOUREIRO, Isabel. *A Revolução Alemã: 1918 – 1923*. São Paulo: Editora UNESP, 2005 (Revoluções do Século 20).
LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In.: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
MAZOWER, Mark. *Continente sombrio*: a Europa no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
MORAES, Luis Edmundo de Souza. *O Partido Nazista no exterior*: notas sobre a Organização para o Exterior (Auslandsorganisation) do NSDAP. In.: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; LUCAS, Taís Campelo (orgs.). *Expressões do Nazismo no Brasil*: partido, ideias, práticas e reflexos. Salvador: Saga Editora, 2018.
ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
PEREIRA, Wagner Pinheiro. O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt. São Paulo: Alameda Editorial, 2012.
ROLLEMBERG, Denise. Revoluções de direita na Europa do Entre-guerras: o Fascismo e o Nazismo. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v. 30, n. 61, p. 355 – 378, maio/ago. 2017.

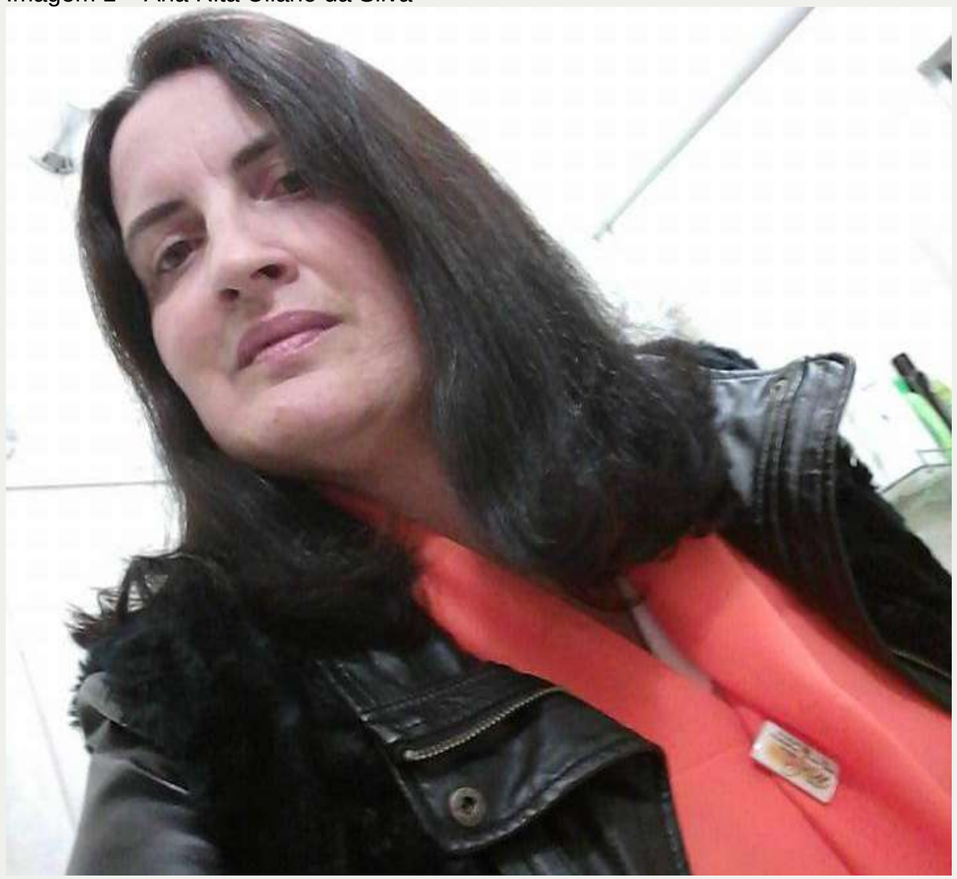
SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC Edições, 1982.
SHIRER, William L. *Diário de Berlim*: volume 1. Rio de Janeiro: Record, s.d.
_____. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*: 2. Volume. 3. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963 (Documentos da História Contemporânea).
TOLSTOY, Nikolai. *A noite das longas facas*: o extermínio das SA. Rio de Janeiro: Renes, 1976 (História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial: política em ação; v. 7).
TRÓTSKI, Leon. O Fascismo – o que é e como combatê-lo. In.: MUSSOLINI, Benito; ____. *A doutrina do Fascismo* – o que é e como combatê-lo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019 (Textos fundamentais e históricos do século XX).
VULLIERME, Jean-Louis. *Espelho do Ocidente*: o Nazismo e a civilização ocidental. Rio de Janeiro: DIFEL, 2019.
ZENTNER, Kurt. *Ilustrierte geschichte des Dritten Reiches*. München: Südwest Verlag, 1965.

História Institucional

Ana Rita Uliano da Silva

Giane Maria de Souza [1]

Imagem 1 – Ana Rita Uliano da Silva



Fonte: Acervo pessoal

Ana Rita Uliano da Silva mora no bairro Aventureiro. É casada com Francisco Manoel da Silva e possui três filhos o André, o Roberto e a Kênia, três netos Luiz, Sarah e Heitor.

Trabalha na Orbenk há 13 anos. Trabalhou no Museu Arqueológico de Sambaqui (MASJ) há dois anos e veio para o Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) no ano de 2022. Ana gosta de música e está aprendendo a tocar violão. É uma pessoa curiosa, inteligente, amiga e atenta ao mundo em que vive.

Ana é uma colega de trabalho preocupada com o meio ambiente e possui muitas ideias bacanas sobre reciclagem. Apaixonada pela natureza e pelos animais, nestes tempos nos sugeriu, preocupada com o descarte diário das marmitas de isopor, uma solução para esse problema. Foi então, que procuramos a Empresa Termotécnica de Joinville e começamos a coletar o isopor limpo e seco para a reciclagem. Com a Ana aprendemos que se cada um fizer a sua parte, transformamos o mundo num lugar melhor.

Ana relata que é apaixonada por livros antigos, história, antiguidade, arqueologia, casarões, fotos antigas e tudo o que nos remete ao passado. Acredita que o passado é o presente, por isso, é repassado de geração em geração, porque nossos netos serão os adultos de amanhã.

[1] Doutora em História pela UFSC, especialista cultural e educadora no AHJ

Coleta de Isopor no AHJ em parceria com a Termotécnica Joinville

Imagens 1 e 2 – Ana Rita Uliano da Silva e Giane Maria de Souza separando o isopor

Imagem 3 – Marly Gomes dos Santos e Paulo Michels do setor de sustentabilidade da empresa Termotécnica com Ana Rita Uliano da Silva e Giane Maria de Souza do AHJ

Fonte: Registros fotográficos de Thiago Hess dos Santos do setor do marketing da empresa Termotécnica

Atendimento do AHJ

ATENDIMENTOS AO PESQUISADOR

Julho: 192
Agosto: 184
Setembro: 125

1

ATENDIMENTOS ÀS ESCOLAS E GRUPOS

Julho: férias
Agosto: 124
Setembro: 171

2

VISITAS À EXPOSIÇÃO

Julho: 52
Agosto: 54
Setembro: 98

3

VISITAS GUIADAS AO ACERVO

Julho: 63
Agosto: não houve
Setembro: 54

4

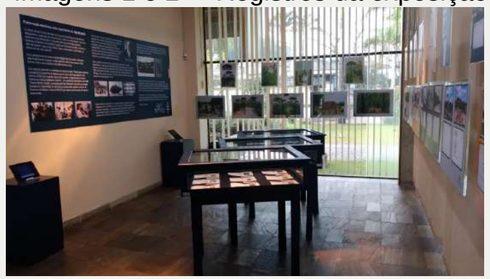
Difusão Cultural

Preservando memórias: uma experiência de digitalização

Thainá Camila Tambosi [1]

Foi realizado no dia 23 de julho a abertura da exposição “Preservando memórias: uma experiência de digitalização” que apresenta resultados parciais do projeto “Preservando memórias: a instalação do laboratório de digitalização do Centro de Preservação de Bens Culturais (CPBC) da Fundação Cultural de Joinville e a digitalização do acervo histórico da Coleção Guilherme Tiburtius”, contemplado pelo edital “Prêmio Memória Digital” promovido pela Rede Memorial, vinculada ao Instituto Brasiliana da Universidade de São Paulo.

Imagens 1 e 2 – Registros da exposição no AHJ



Fonte: Thainá Camila Tambosi

Por meio da digitalização do acervo Memória Iconográfica do Arquivo Histórico de Joinville e da coleção Guilherme Tiburtius do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville (MASJ), o projeto visa contribuir não só para a preservação dos acervos documentais, como também torná-los mais acessíveis frente a um contexto cada vez mais tecnológico.

Nesta exposição de média duração, a comunidade poderá contemplar alguns dos documentos originais e digitalizados, reunidos pelo pesquisador Guilherme Tiburtius nos sítios arqueológicos em que trabalhou e que integram a coleção que foi em grande parte responsável pela criação do MASJ.

Imagem 3 – Registros da exposição no AHJ

Fonte: Thainá Camila Tambosi

Além disso, a exposição apresenta também, documentos iconográficos, compostos por cartões-postais, álbuns fotográficos e cartões de visita que constituem fragmentos do passado de Joinville. Convidamos a todos a conhecer e recordar momentos da história da cidade por meio da exposição que está aberta para a visitação no Arquivo Histórico de Joinville de segunda a sexta-feira, das 08:00 às 18:00 h.

[1] Estagiária de história no AHJ

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1, 2, 3, 4 e 5 – Atendimentos no vespertino e matutino da Escola Adventista, alunos do terceiro ano, séries iniciais, 15 de junho de 2022, pelo historiador Rodrigo Boçoen e pela assistente cultural Fernanda Pirog Oçoski

Os alunos do Colégio Adventista vieram pesquisar nos jornais do acervo do AHJ os acontecimentos históricos ocorridos nas suas datas de nascimento

Fonte: Fotografias de Fernanda Pirog Oçoski

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1 e 2 – Visita guiada ao Acervo do AHJ no dia 12 de junho de 2022

Fonte: Fotografias de Fernanda Pirog Oçoski

Imagem 3 – Visita do CAPS no dia 12 de agosto de 2022 para conhecer o acervo do AHJ

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1, 2,3,4,5,6 e 7– Registros do atendimento educativo do Centro de Integração Empresa Escola Joinville (CIEEJ) realizado pela educadora Giane Maria de Souza e pela assistente cultural Fernanda Pirog Oçoski, sob a coordenação dos professores Leandro Graff e Thalissa Cavijon, período matutino, 39 jovens aprendizes, 29/08/2022

Fonte: Fotografias de Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1, 2,3,4,5,6 e 7– Registros do atendimento educativo do Centro de Integração Empresa Escola Joinville (CIEEJ) realizado pela educadora Giane Maria de Souza sob a coordenação dos professores Leandro Graff e Thalissa Cavijon, período vespertino, 36 jovens aprendizes, 29/08/2022

Fonte: Fotografias de Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1, 2,3,4,5 e 6 – Registros do atendimento educativo do Centro de Integração Empresa Escola Joinville (CIEEJ) realizado pela educadora Giane Maria de Souza e o assistente cultural Leandro Brier Correia sob a coordenação dos professores Leandro Graff e Thalissa Cavijon, período vespertino, 33 jovens aprendizes, 30/08/2022

Fonte: Fotografias de Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1, 2,3,4,5,6 e 7– Registros do atendimento educativo do Centro de Integração Empresa Escola Joinville (CIEEJ) realizado pela educadora Giane Maria de Souza sob a coordenação dos professores Leandro Graff e Thalissa Cavijon, período matutino e vespertino, 12 jovens aprendizes, 31/08/2022

Fonte: Fotografias de Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1, 2,3,4,5,6, 7 e 8 – Registros do atendimento educativo do Centro de Integração Empresa Escola Joinville (CIEEJ) realizado pela educadora Giane Maria de Souza e a Assistente Cultural Fernanda Pirog Oçoski sob a coordenação dos professores Leandro Graff e Thalissa Cavijon, período matutino e vespertino, 23 jovens aprendizes, 01/09/2022

Fonte: Fotografias de Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1, 2,3,4,5,6 e 7– Registros do atendimento educativo do Centro de Integração Empresa Escola Joinville (CIEEJ) realizado pela educadora Giane Maria de Souza e a Assistente Cultural Fernanda Pirog Oçoski sob a coordenação dos professores Leandro Graff e Thalissa Cavijon, período matutino, 35 jovens aprendizes, 02/09/2022

Fonte: Fotografias de Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

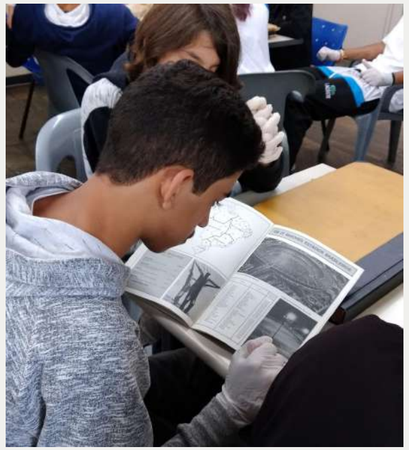
Imagens 1, 2,3,4,5 e 6 – Registros do atendimento educativo do Centro de Integração Empresa Escola Joinville (CIEEJ) realizado pela educadora Giane Maria de Souza e sob a coordenação dos professores Leandro Graff e Thalissa Cavijon, período vespertino, 29 jovens aprendizes, 02/09/2022

Fonte: Fotografias de Giane Maria de Souza

Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1, 2,3,4,5 e 6– Atendimento educativo do Colégio São Pedro, de Guaramirim, Ensino Médio, 43 alunos, período matutino pela educadora Giane Maria de Souza

Fonte: Thainá Camila Tambosi



Educação Patrimonial e Difusão Cultural

Imagens 1, 2,3,4,5,6,7, 8, 9 e 10 – Atendimento educativo do Colégio São Pedro, de Guaramirim, Ensino Médio, 41 alunos, período vespertino, pela educadora Giane Maria de Souza

Fonte: Giane Maria de Souza e Thainá Camila Tambosi

Divulgação científica do AHJ

Fundo “Escola Prática de Comércio Joinvile” (1950-1992): Organização, descrição e possibilidades de pesquisa

Thainá Camila Tambosi [1]
Orientadora: Arselle de Andrade da Fontoura [2]

Imagem 1 — Escola, no canto direito da imagem, no imóvel com o muro de pedras, localizada onde hoje se encontra a Caixa Econômica Federal na Rua do Príncipe em Joinville.

Fonte: Autoria desconhecida

Este trabalho foi apresentado no XIX Encontro Estadual de História de Santa Catarina, promovido pela Anpuh-SC no painel de graduandos, espaço destinado a divulgação de projetos de pesquisas, no evento realizado no dia 26 de agosto de 2022 de forma online. O presente projeto buscou apresentar algumas possibilidades de pesquisa a partir da organização do fundo “Escola Prática de Comércio Joinvile” (1950 – 1992) custodiado no Arquivo Histórico de Joinville - AHJ.

A Escola Prática de Comércio Joinvile foi uma instituição de ensino reconhecida pelos moradores de Joinville. Fundada pelo advogado e professor Nelson de Miranda Coutinho esteve em funcionamento por mais de quatro décadas ofertando cursos práticos voltados ao mercado de trabalho, inseridos nos processos de modernização em curso no país. No início das atividades da escola, nos anos de 1950, a cidade de Joinville apresentava setores industriais e comerciais em expansão, com empresas que possuíam demanda por mão de obra qualificada.

[1] Acadêmica do curso de História da Univille, estagiária do AHJ. E-mail: thaina_tbs@hotmail.com
[2] Professora da Univille, historiadora do AHJ. E-mail: arselle.fontoura@gmail.com

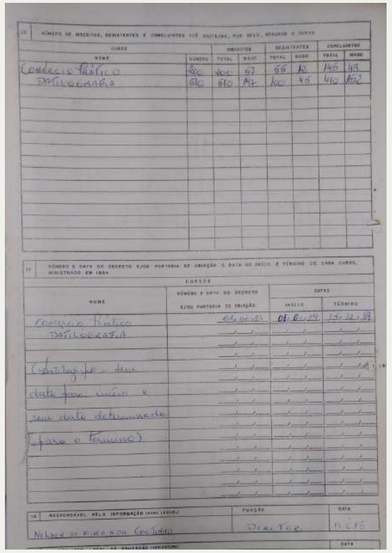
Este trabalho é um desdobramento do projeto “Organização, conservação e difusão do Fundo Escola Prática de Comércio de Joinvile", cujo acervo contém documentos correspondentes as atividades educacionais e administrativas da escola. Além disso, são encontrados também documentos pessoais de Nelson de Miranda Coutinho e processos jurídicos, provenientes da sua atuação como advogado.

Imagem 2 — Fotografia do fundador e diretor
Dr. Nelson de Miranda Coutinho

Fonte: Fundo Escola Prática de Comércio Joinvile. AHJ

Para a realização desta atividade foi feito levantamento e análise bibliografia pertinente, bem como a identificação, organização, descrição, sistematização e análise da documentação do fundo. Por meio deste trabalho evidenciou-se diversas possibilidades de pesquisa, tais como o estudo da qualificação profissional de mulheres para atuarem no mercado de trabalho em Joinville, como também metodologias empregadas no ensino comercial no período. Além disso, na documentação proveniente das atividades de advocacia do Dr. Nelson são encontrados diversos processos jurídicos que podem sinalizar e subsidiar pesquisas relacionadas a questões de gênero na sociedade.

Imagem 3 e 4 — Álbum de Formatura e Documento de 1984 onde se verifica a maioria de mulheres matriculadas nos cursos ofertados pela escola



Fonte: Fundo Escola Prática de Comércio Joinvile. AHJ

A datilografia que estava entre os cursos que recebeu também grande procura permite perceber modificações significativas na forma de escrita, uma vez que produziu maior agilidade e produtividade que refletem o decurso da modernização no país. A documentação da Escola Prática de Comércio Joinvile representa não só o registro de memórias ainda vivas na população joinvillense, reflexo da importância que a instituição construiu na comunidade, como também da possibilidade de construção de novos conhecimentos sobre diferentes temáticas dentro do período que esteve em funcionamento.

Imagem 5 — Material de Divulgação da escola, destaca a importância do ensino prático

Escola Prática de Comércio Joinvile

(Registada no Departamento de Educação do Estado de Santa Catarina)

Diretor- Responsavel: Dr. NELSON DE MIRANDA COUTINHO

Rua do Principe, 551 - Caixa Postal, 22 - JOINVILE - Sta. Catarina

CURSOS QUE ESTA ESCOLA MANTEM:

Curso de Datilografia:

Método moderno e prático, em máquinas novas ou reconstruidas;

Curso de Auxiliar de Escritório:

É um curso COMERCIAL prático, em que o aluno aprende fazendo, como se estivesse no próprio escritório, - as matérias seguintes:

1 – Serviços gerais de escritório,

2 – Correspondência comercial,

Fonte: Fundo Escola Prática de Comércio Joinvile. AHJ

Imagem 6 — Dona Clemência Cassou Coutinho, junto às documentações doadas ao AHJ

Fonte: Fundo Escola Prática de Comércio Joinvile. AHJ

Divulgação científica do AHJ

ST 20: Patrimônio cultural e arquivos: balanços e desafios

Coordenador(es): Roberta Barros Meira (UNIVILLE) e Giane Maria de Souza (Arquivo Histórico de Joinville)

Descrição:

A relação entre patrimônio cultural e arquivos consiste num movimento contínuo de expansão de diálogos interdisciplinares que buscam salvaguardar a história e os espaços de memória. O objetivo desse Simpósio consistiu em fomentar as discussões e as trocas entre os pesquisadores que atuam no campo do patrimônio cultural e arquivístico, direta ou indiretamente, e que buscam perceber os avanços, os desafios e as ameaças presentes no cenário brasileiro nas últimas décadas. Nesse aspecto, buscou-se debater também temas de pesquisas que investiguem as demandas e sensibilidades que instauraram movimentos de valorização de patrimônios culturais diversos e inclusivos no contexto pretérito e atual. Esse simpósio buscou, igualmente, discutir o patrimônio cultural e os arquivos e sua inter-relação com as políticas públicas. Os trabalhos devem dar ênfase: às construções de novos marcos legais sobre o Patrimônio Cultural e os arquivos; à promoção e proteção do Patrimônio cultural, compreendidas de uma forma mais ampla através da valorização do patrimônio imaterial e das paisagens culturais; ao papel dos diferentes grupos sociais nas novas formas de conceber o patrimônio cultural e os arquivos; às tensões e negociações no lento processo de composição de uma agenda política patrimonial e arquivística no Brasil.

Fonte: Dalmo Borges Koehntopp

No dia 22 de julho de 2022,
a historiadora e especialista cultural - educadora do AHJ,
Giane Maria de Souza em suas férias
pela Espanha visitou o Archivo Histórico Municipal de León e foi ciceroneada por Maria Pilar Sánchez Castro.
No próximo número do Boletim do AHJ publicaremos um histórico da instituição espanhola que iniciou seus trabalhos na idade média no século XIV.

Professores e o Arquivo

Considerações conceituais em torno da modernidade e do passado [1]

Afonso Imhof, professor do Curso de História da Univille

Uma boa discussão que abranja a problematização do patrimônio histórico deve principiar pelas ideias de modernidade, passado, tradição e identidade.

Iniciamos com a interrogativa: Por que essa destrutividade do passado e do patrimônio histórico? A resposta é: a modernidade, que com o seu instinto depredador de identidades e das serenidades comunitárias investe constantemente contra o que está edificado. Onde há edificações é local para demolição. Esses empreiteiros odeiam o passado e postulam a mudança em nome da geração de empregos. É ideologia pura e simples. A modernidade traz o conflito cultural e impõe-se agressivamente em nome da suposta Nova Era. Em nome do equivocado progresso o que passa a valer é o moderno, que pode ser na verdade o inferno para as pessoas.

A modernidade quase sempre corrói a tradição. Instala o desapontamento social com relação à tradição e ao patrimônio cultural – tanto material ou imaterial. A modernidade produz um desencantamento comunitário. A comunidade reage, mas sem muitos meios de resistência, ou de coexistência pacífica. A tradição aceita e se harmoniza com o novo, mas esta – a modernidade – não concebe a Tradição e a História como necessidades vitais à existência de identidades comunitárias.

A modernidade é um mito do presente. Ela congela o presente. O mito na sociedade “dita primitiva” está fundamentado no passado, e este é o elo vital da sobrevivência desses grupos humanos. Aqui o mito é ânimo. Na sociedade tida como “moderna” o mito desanima. O mito da modernidade para o Terceiro Milênio é composto de otimismo cego e incerto. É a pura e neurótica competitividade, é a guerra e o egoísmo dissimulados. A identidade que gera ânimos para o amor, é ameaça pelo futuro incerto… O futuro é absolvido previamente. O passado é condenado ao esquecimento.

Imagem 1 - Afonso Imhof

Fonte: Acervo do autor

Este não permite a geração de reflexões e questionamentos. É o absolutismo [2] da contemporaneidade, nesse caso. Ser absoluto é ser absolvido de seus atos bons ou ruins.

Entretanto, a modernidade deverá ser aproveitada em suas diversas contribuições às mudanças de mentalidades ou de hábitos. O essencial é a possibilidade de virmos e a ser contemplados como beneficiários conscientes dessa modernidade. Em verdade, podemos inferir da modernidade inúmeras concepções de vida, de felicidade, de arte, de relativismo, de tolerâncias culturais e étnicas e, enfim, de novos comportamentos e valores para a nossa existência na contemporaneidade.

Somos herdeiros da modernidade, cabe-nos sê-los criticamente. Sermos críticos em relação à modernidade, é uma forma de vivermos sem congelamento do presente. Os modernólatras precisam apenas de modernidades… São autossuficientes na sua arquitetura de péssimo gosto. Excluir ou matar o passado é assim um objetivo consciente e racional dos modernólatras.

O crescimento da Cidade é bem-vindo. É esperado. Entretanto não venham nos querer convencer do inconvencível, ou seja, que o passado obsta o progresso, obsta o presente.

Ambos, quando há boa vontade e honestidade, se intercambiam, não de destroem. Não se excluem. Não se negam. Passado e presente, podem muito e muito bem, conviverem contemporaneamente. Desejamos presentizar todos os passados e potenciar ao futuro, o presente resultante.

O passado também precisa crescer, e para isso que a Educação Patrimonial dever ser promovida, através de projetos educativos institucionais. Promover [3] o passado, nesse caso, torna-se um direito à cidadania histórica.

Para fazer crescer o passado dentro das irracionais incompreensões do presente, faz-se necessária a existência de um acervo patrimonial livre da ameaça dos modernólatras, tanto do aspecto da preservação espontânea, quando da preservação assegurada pelo Estatuto do Tombamento.

Os modernólatras estão sempre a postos, de cima das colinas históricas, a negar a importância da história e da tradição. O alvo do ataque contra os projetos de conservação são irresponsáveis ou indiferentes aos direitos de memória de uma cidade. O plebiscito direto não existe. Há sim, a manipulação das decisões. E o patrimonial histórico é banido, e os escombros são troféus do suposto progresso.

A existência dos dois tempos históricos – o passado e o presente – é o grande progresso, o verdadeiro progresso. O progresso honesto e salutar.

A empreitada mais inteligente, nesse caso, é a soma dos patrimônios [4]. É a soma de todos os bens culturais – os do passado e os do presente – constituindo-se aquilo que sociologicamente vem se chamando de Capital Cultural de uma comunidade.

O pensamento preservacionista conduz a esta recomendação: nada de demolição, nada de demolir a nossa Igrejinha. Se precisar aumentar a capacidade, construam outra igreja em outro local. Deixamos o Patrimônio de pé, servindo a todos. Qualquer decisão demolitória é quase sempre portadora de arbítrios autoritários e de vertente unilateral.

---

[1] Considerar, *considerare* vem de *sidera*, que quer dizer: examinar com cuidado, o respeito e veneração. *Sidera* significa a figura formada por conjunto de estrelas constelações ter algo em consideração é elevá-lo ao alto.

[2] Absolutismo: (*absolvere*, absolvição) sistema em que coloca uma ideia de sociedade em que o poder do governante é absoluto, isto é, não precisa dar satisfação de seus atos; está absolvido previamente.

[3] Promover (*promotio*, *pormovere*) é dar impulso a algo, é fazer emergir ou exaltar algo.

[4]Patrimônio: é a soma dos bens que nos pertencem, indiferentemente do tempo passado ou presente. Em termos de Patrimônio Cultural, fica mais patente a necessidade de acumulação de enriquecimento cultural com a soma de bens culturais.

Teses e dissertações de pesquisadores do AHJ

Para quem é a cidade dos imigrantes e da indústria?: as trajetórias e experiências de mulheres haitianas do bairro Comasa no mercado de trabalho em Joinville/SC

Thalissa Cavejon [1]

Imagem 1 – Membros da banca — Dra. Teresa Kleba Lisboa — PPGICH/UFSC, Thalissa Cavejon, Olga (filha), Dr. Rodrigo da Rosa Bordignon — Orientador(a) e presidente da Banca e Dr. Luiz Gustavo da Cunha de Souza — PPGSP/UFSC

Fonte: Acervo pessoal de Thalissa Cavejon

Esta dissertação tem como objetivo central as trajetórias das mulheres imigrantes haitianas no mercado de trabalho em Joinville/SC, observando suas histórias e narrativas acerca dos enfrentamentos e contradições sociais a que são submetidas no mercado de trabalho. Trata-se de um esforço para compreender as representações e expectativas como mulher migrante e os embates para se inserirem no mercado de trabalho, construindo a compreensão das condições sociais de inserção enquanto migrantes no Sul-global, até sua instalação na cidade. Desta forma, estão em pauta neste contexto, a mulher imigrante e seus constrangimentos sociais, as relações de aprendizagem da língua local, o português, o confinamento ao cuidado e ao lar, as imbricações das relações sociais e a escassez de políticas públicas capazes de suprir tais necessidades. Para isso, a metodologia da pesquisa apoiou-se em observação participante, atuando de forma direta nas rodas de conversa e encontros das mulheres imigrantes no bairro Comasa, situado na região leste de Joinville, bem como, a realização de entrevistas, observando para além das suas histórias, os marcadores sociais e experiências até a chegada na cidade e inserção como trabalhadora. Portanto, as questões que serão debatidas, nesta pesquisa, buscam compreender o cenário da cidade nas relações de inserção no mercado laboral, a partir da investigação das trajetórias contadas, das concepções sociológicas analisadas e trabalhadas, a fim de desvelar os constrangimentos sociais que deslocam as mulheres haitianas para o desemprego, ou, lugares sociais e trabalhos precários em Joinville/SC.

Palavras-chave: Imigração Haitiana, Mulheres, Mercado de Trabalho, Joinville/SC.

Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/238345

[1] mestre em Sociologia pela UFSC pelo PPGSP.

Memória do Boletim

Em cada coração uma saudade...

Elly Herkenhoff

A 9 de março de 1901 Joinville completava os seus 50 anos de fundação. E embora as festividades comemorativas se realizassem somente durante a semana compreendida entre 28 de abril e 5 de maio daquele ano, o “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), em longo editorial do dia 7 de março, fazia um retrospecto do meio século de existência da antiga Colônia Dona Francisca, apresentando, na oportunidade, uma relação dos primeiros imigrantes chegados a 9 de março de 1851, ainda vivos em 1901, por ocasião do 50º aniversário. Eram eles em número de doze e seus nomes os seguintes:

Anna Duvoisin, nascida Tanner, imigrada com 17 anos. Ursula Boldt, nascida Tanner, irmã de Anna Duvoisin, imigrada com 3 anos. Barbara Elise Baggenstoss, nascida Schelling, imigrada com 12 anos. Viúva Anna Schmidlin. Viúva Marie Klufts, nascida Rosskamp, imigrada com 17 anos. Christian Gilgen, imigrado com 16 anos e sua esposa Anna (em primeiras núpcias casada com o imigrante Priewe). Heinrich Rosskamp, irmão de Marie Klufts, imigrado com 7 anos e sua esposa Margarete, nascida Freudenberg emigrada com 8 anos. Em Curitiba, para onde se haviam mudado, ainda viviam Johann Heinrich Moerking, imigrado com 23 anos, e sua esposa Caroline, irmã de Marie Klufts e Heinrich Rosskamp, imigrada com 14 anos. Sebastian Müller, imigrado com 7 anos.

E, dando-lhe destaque todo especial, o “Kolonie Zeitung” lembrava o nome de Louis Duvoisin, como “o primeiro entre os primeiros”, uma vez que a sua chegada se deu em maio de 1850, quase um ano antes da fundação oficial da Colônia Dona Francisca. Fazia ele parte de um pequeno grupo de pessoas, composto de Léonce Aubé, representante do Príncipe de Joinville, do engenheiro Hermann Guenther, enviado pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo, do colono Peter Schneider, sua esposa e uma filhinha e, finalmente do jurista Ewert von Knorring, sua esposa e uma filhinha, sendo que os dois casais – Schneider e von Knorring – haviam sido contratados no Rio de Janeiro pelo engenheiro Guenther, para iniciarem a derrubada da floresta virgem e prepararem as plantações no núcleo a ser estabelecido pela Sociedade Colonizadora nas terras do Príncipe de Joinville, cunhado de D. Pedro II.

E um dos nossos primeiros cronistas, o Capitão Theodor Rodowicz-Ozwiecimsky, em seu livro “Die Kolonie Dona Francisca in Suedbrasilien” (A Colônia Dona Francisca no Brasil Meridional), publicado em 1853 na Alemanha, à p. 26 afirma ter o engenheiro Guenther trazido em sua companhia uma “berlinense” de nome Julie Engell, quando em setembro daquele ano de 1850, ele voltou de uma rápida viagem ao Rio.

Memória do Boletim

E um dos nossos primeiros cronistas, o Capitão Theodor Rodowicz-Ozwiecimsky, em seu livro “Die Kolonie Dona Francisca in Suedbrasilien” (A Colônia Dona Francisca no Brasil Meridional), publicado em 1853 na Alemanha, à p. 26 afirma ter o engenheiro Guenther trazido em sua companhia uma “berlinense” de nome Julie Engell, quando em setembro daquele ano de 1850, ele voltou de uma rápida viagem ao Rio.

No entanto, desse grupo de precursores atuantes no pequeno núcleo que se fundaria oficialmente a 9 de março de 1851, somente Louis Duvoisin, cozinheiro de Léonce Aubé, em Joinville, se radicou.

Hermann Guenther foi sumariamente despedido em princípio de fevereiro de 1851, pelo filho do presidente da Sociedade Colonizadora, Eduard Schroeder, que para aqui veio com a finalidade de inspecionar o andamento dos trabalhos. O casal von Knorring partiu a 6 de junho do mesmo ano, após a morte da filhinha. Peter Schneider, por sua vez, tendo perdido a esposa em 23 de maio de 1851, a 28 de dezembro do mesmo ano se casou em segundas núpcias e a 29 de janeiro de 1852 partiu com a família. Léonce Aubé, que em 1852 se casou com uma filha do Dr. Johann A. Haltenhoff, deixou o seu cargo de diretor da colônia em fins de 1861 e em 1870 voltou definitivamente para a França.

Abram Louis Duvoisin não era francês, conforme se tem afirmado. Era suíço, nascido em Cortaillod, no Cantão de Neuchâtel, filho de David François Duvoisin e Marianne Tinabertz e, segundo o livro de registro da Comunidade Evangélica de Joinville, contraiu núpcias a 12 de julho de 1853 com a jovem Anna Tanner, igualmente nascida na Suíça e imigrada com pais e irmãos na primeira leva do “Colon”. Louis Duvoisin, de acordo com o assento do referido livro de registro, contava então “32 a 33 anos”, era viúvo e de profissão fabricante de champanhe e dono de restaurante.

AHJ, Jlle., 4(1), dezembro de 1986.

Arquivo Histórico de Joinville

Na realidade, não deixa de ser surpreendente o reduzido número de sobreviventes em 1901, quando sabemos que os passageiros embarcados no “Colon” em Hamburgo, eram em número de 125, quando sabemos que no mesmo dia 9 de março de 1851 aqui aportou igualmente uma leva de 61 noruegueses, todos homens, que se destinavam à Califórnia, mas que, devido a uma séria avaria em sua embarcação, no Rio decidiram “tentar a sorte” na colônia a ser instalada nas terras do Príncipe de Joinville.

Mas não esqueçamos, por outro lado, que daquele grupo de noruegueses, 44 partiram de Dona Francisca, no primeiro e no segundo ano, enquanto oito faleceram e somente nove se estabeleceram em Joinville.

Memória do Boletim

Alguns deles se casaram, como o negociante Ulrik Ulricksen, que se enamorou da imigrante alemã Helene Palm, o padeiro Hans Peter Hansen, que se casou com a imigrante suíça Elisabeth Müller, o padeiro Peter Gustav Petersen que preferiu Bárbara irmã de Elisabeth e o veterinário Marcus F. Goerrenssen, que escolheu a jovem alemã Caroline Schneider.

"Não esqueçamos que dos 125 passageiros embarcados no "Colon", sete faleceram a bordo, durante a travessia do Atlântico, sendo quatro crianças e os três adultos: Conrad Weber, 41 anos, casado com Bárbara, pai de cinco filhos menores. Anna Müller, 35 anos, casada com Johann Müller, mãe de sete filhas, entre os quais a pequena Maria, igualmente falecida a bordo do "Colon". A viúva Ulm, 42 anos, mãe de dois filhos, sendo um de doze e um de sete anos apenas...

E não esqueçamos que, dos 118 desembarcados a 9 de março de 1851, só nos dois primeiros anos, 18 aqui faleceram...

O historiador Carlos Ficker, referindo-se aos dias posteriores à chegada das primeiras levas de imigrantes, à página 81 da "História de Joinville" assim se expressa:

E as incontáveis pragas nunca imaginadas – os mosquitos e os borrachudos e os bichos-de-pé – e as insuportáveis ulcerações de aclimatação nas pernas e nos braços – e o medo incessante das serpentes e dos bugres e dos mil perigos da floresta misteriosa – e a chuva, a chuva enervante… a nostalgia...

E em setembro, coincidindo com a chegada de mais uma barca de imigrantes – o brigue "Gloriosa" - uma grande epidemia assaltou a Colônia, desprovida de recursos para debelar o mal. Houve os primeiros casos fatais de disenteria bacilar e tifo. Somente em setembro faleceram 16 pessoas, perfazendo um total de 45 até dezembro e todas elas foram enterradas em uma clareira existente no final da picada Jurapé, hoje rua 9 de Março, esquina com a rua Dr. João Colin…

"Dias incrivelmente difíceis vieram para a pequena colônia. Sacrifícios, renúncias e tristezas caracterizaram a vida destes primeiros pioneiros. Atraídos pela propaganda romântica e cheia de ilusões, sentiram-se decepcionados e ludibriados, quando olhavam a clareira de 20 x 100 metros na selva virgem, um vasto lodaçal, uma quantidade interminável de tocos de árvores abatidas que, em parte, ainda jaziam no local, alguns ranchos cobertos de sapé, aqui e ali umas pequenas plantações de milho, de mandioca, de batata doce..." - - -

Era este o aspecto que oferecia o núcleo da Colônia, então chamado "Schroedersort" (Vilarejo de Schroeder), em homenagem ao presidente da Sociedade Colonizadora, residente em Hamburgo.

Memória do Boletim

Theodor Rodowicz-Oswiecimsky, à página 51 de sua já citada obra, após descrever as dificuldades com que lutavam os médicos, nos diz o seguinte:

“Consequentemente eram poucos os que saravam, e saravam muito lentamente. O sino anunciador de morte tornava sempre a dobrar. Eram pais que enterravam os filhos, para segui-los, dias depois, no mesmo caminho para o túmulo. Ninguém acompanhava um enterro, sem pensar em sua própria inumação, talvez bem próxima, no chão da floresta virgem...”

Breve, objetivo e contundente – aí está escrito há mais de 125 anos, o depoimento do Cap. Rodowicz-Oswiecimsky, que chegou a Dona Francisca em setembro de 1851, pelo “Gloriosa”, testemunhando assim todo o desenrolar da tragédia que se abateu sobre a pequena comunidade e cobriu de luto famílias inteiras. Era a mãe que falecia, ainda no vigor dos anos, era o chefe de família, deixando viúva e filhos na miséria, e raro amigo arrancado ao convívio dos amigos, era o noivo morrendo ante o olhar estarrecido da amada…

Fonte: HERKENHOFF, Elly. Em cada coração uma saudade. In: **Boletim do Arquivo Histórico de Joinville**. PMJ/FCJ. Joinville/SC: AHJ. Jlle. vol.1, n. 5, dez. 1986.

A 27 de dezembro de 1851 efetuou-se o primeiro sepultamento em novo cemitério, o Cemitério dos Imigrantes, situado no “Mittelweg” (Caminho do Meio), hoje rua Quinze de Novembro, e dos 45 túmulos da clareira do Jurapé nada mais resta.
Quanto aos imigrantes do “Colon”, a maior parte, realmente, aqui se radicou, fazendo sua, com trabalho árduo, fé e muito amor, a Terra que tão duramente os provou. Contam-se entre essas famílias pioneiras, os nomes Weber, Schmidlin, Storrer, Rosskamp, Freudenberg. Várias outras famílias deixaram a Colônia no decorrer do tempo, indo viver a sua vida em lugares distantes – a dor profunda de uma grande decepção em cada vida e, profundamente dolorida, em cada coração, uma saudade...

Para refletir em sala de aula:

Problematize a lista de imigrantes casados, seus filhos e suas respectivas idades;

Reflite a quantidade de mortos e sobreviventes na viagem, doenças e males encontrados;

Repense a relação de hierarquias e poder entre os imigrantes;

Problematize a compra e a venda de terras e as ausências dos relatos dos imigrantes não europeus;

Por que os povos originários, indígenas, eram tratados no texto como selvagens, e pejorativamente bugres?

Por dentro do Acervo

Fonte: Guia Telephonico. Santa Catarina, jun. 1931. Dimensões 25 cm X 31 cm. Classificação 384. G 943. Acervo Coleção Memória Tipográfica.

Acessibilidade em espaços culturais

Guilherme Grützmacher Bento [1]

Imagem 1 – Guilherme Grützmacher Bento

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Quando falamos em acessibilidade em espaços públicos, nos vem à mente rampas de acesso, banheiros adaptados para PNE (Portadores de Necessidades Especiais), mobiliário especialmente projetado para cadeirantes e comunicação visual em braile para pessoas com deficiência visual. Todos esses itens citados são físicos, conjunto de um estudo arquitetônico com base em normas e regras de ergonomia e acessibilidade. Mas a acessibilidade vai muito além disso, o tratamento dos funcionários dos espaços públicos com os usuários que o frequentam faz toda a diferença.

Desde 2018 eu tenho um diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Eu sou de Blumenau e venho visitar o Arquivo Histórico de Joinville, onde todos sabem do meu transtorno e me ajudam a ter uma experiência positiva. Por causa do transtorno eu tenho o que considero lugares seguros, ou seja, lugares onde as pessoas me conhecem, me compreendem e sei que se eu tiver qualquer problema eu posso recorrer a essas pessoas para deixarem tudo mais leve para mim, e o AHJ é um desses lugares.

Todos os autistas são diferentes uns dos outros. Cada um tem a sua particularidade. Alguns autistas se incomodam quando há muito barulho, outros quando tem muitas pessoas enquanto outros se incomodam quando há muitos estímulos luminosos. Os autistas têm uma questão sensorial muito sensível. É um diferencial quando um monitor de museu, por exemplo, entende essas particularidades e ajuda essa pessoa. Eu frequento o AHJ desde o final de 2018. Hoje em dia ele se tornou para mim um ponto de encontro, tanto com a história quanto com verdadeiros amigos. Essa é a verdadeira acessibilidade, quando as pessoas compreendem nossas limitações e nos ajudam.

[1]Técnico em Edificações e estudante de Arquitetura e Urbanismo na Unicesumar

Aconteceu na cidade

Joinville, sábado, 3 de janeiro de 1981

Moradores do Amaral pedem linha de ônibus

A humilde vila formada por casas de madeira... ...contra a construção mais segura da igreja

Os 300 moradores do Morro do Amaral, uma das mais antigas vilas de Joinville situada no extremo Leste da cidade, estão reivindicando uma linha de ônibus que sirva o local pelo menos três vezes por semana. Esse serviço poderá aproximar um pouco mais essas 300 pessoas do resto da cidade e proporcionar melhores condições de locomoção, quebrando inclusive a dependência que têm do jipe do pescador Alfredo Ribeiro Campos — uma espécie de patriarca da vila — e do ônibus que chega ao Morro todo dia para transportar 40 moradores que trabalham na Prefeitura.

Se essa linha de ônibus solicitada não for implantada, certamente o meio de transporte mais funcional para todos continuará sendo o barco. O meio de transporte coletivo mais próximo, a sete quilômetros, serve os moradores do Bairro de Panaguamirim. Abaixo-assinados e pedidos junto à Prefeitura ainda não adiantaram, assim como não vingaram até agora as promessas de políticos que visitam o Morro do Amaral só em tempo de eleições.

ARRAIAL DO SAGUAÇU

O Morro do Amaral (Arraial do Saguaçu) é uma das localidades mais antigas de Joinville. Emídio de Mira, o morador mais antigo da região, com 71 anos, nasceu no morro e diz que quando seus pais ali chegaram já havia moradores. Mira explicou que o nome da localidade mudou há uns 50 anos, "por volta de 1930, quando os soldados de Getúlio Vargas vieram aqui para fazer um balizamento para mapear a região, a família dos batizaram a vila com este nome. Até hoje todos os que moram aqui são descendentes dos Amaral, inclusive eu".

Há seis anos quando não havia estrada para o morro, seus moradores, todos pescadores, tinham de ir até o centro de Joinville de barco para vender a sua pesca no mercado público. Depois da construção da estrada, a vida dos pescadores mudou. Alguns deixaram a pesca para trabalhar na Prefeitura; mas suas mulheres contribuem para o orçamento familiar principalmente através da coleta de mariscos. Outros continuam a tirar o seus sustento do mar com a pesca, a coleta de ostras e caranguejos.

SEM AUXÍLIO

Um dos pescadores do Morro do Amaral, Alfredo Ribeiro Campos, de 51 anos, possui uma equipe de sete apanhadores de ostra, entre eles estão três de seus filhos. "Tenho clientes certos para vender minhas ostras ou o que eles encomendarem, isso me possibilitou construir uma casa razoável, comprar um barco a motor e um jipe. Eu só gostaria de dizer ao povo da cidade que a vida de pescador não é fácil, às vezes temos de mergulhar até seis metros de fundura para apanhar as ostras", disse Alfredo. "Mas o pior é a falta de auxílio, estamos isolados da cidade", completou.

Com seu jipe leva para a cidade os moradors que necessitam de alguma assistência médica. "Mas quando eu não posso ir, o povo fica sem nenhuma ajuda. Às vezes os doentes tem de caminhar sete quilômetros para chegar até o ponto de ônibus", reclamou Alfredo.

João Cipriano, que também reside no Morro do Amaral, disse que "só vem ônibus quando é para levar uma caixão de defundo por encomenda". Além da linha de ônibus, ele pede também luz para a vila. Existe rede elétrica a poucos mais de 5 quilômetros da localidade. "Se vier ônibus será bom, mas se vier a luz será uma graça de Deus", concluiu João Cipriano.

IGREJA

No centro da vila está instalada a Igreja do Bom Jesus, que pertence à paróquia do Sagrado Coração de Jesus. Construída há mais de 40 anos, apresenta problemas em sua estrutura (o sino foi removido da torre para não desabar). Uma vez por mês é rezada a missa pelo Padre Dionísio. Senhoras que pertencem aos Grupos de Casais da paróquia realizam esporadicamente cursos de crochê, costura, cozinha e cuidados básicos com crianças.

O maior problema, segundo os moradores, é o transporte e já foi resolvido durante três meses, a título de experiência, a Empresa de Transportes Gidion implantou uma linha de ônibus que ia à vila três vezes por dia. Como a iniciativa não se mostrasse rentável, a linha foi desativada. O chefe de tráfego da Gidion, João Belo, observou que, "para uma linha não ser deficitária, deve apresentar um movimento de no mínimo 40 passageiros por viagem. A média não foi alcançada e fomos obrigados a desistir. No próximo ano, vamos estudar uma maneira de resolver o problema, talvez em conjunto com a Prefeitura", garantiu João Belo.

Questões para refletir:
Qual é o principal problema do Morro do Amaral?
Qual a história do bairro contada pelos moradores?
Será que existem outros problemas de infraestrutura urbana no Morro do Amaral nos dias atuais?

Expediente

Boletim do Arquivo Histórico de Joinville
Vol. XVI, n. 21, jul., ago., set., 2022
ISSN 14133434

Prefeitura Municipal de Joinville
Adriano Bornschein Silva
Prefeito

Rejane Gambin
Vice-Prefeita

Secretaria de Cultura e Turismo
Guilherme Augusto Gassenferth
Secretário de Cultura e Turismo

Francine Olsen
Diretora Executiva

Roberta Meyer Miranda da Veiga
Gerente de Patrimônio e Museus

Arquivo Histórico de Joinville
Dilney Fermino Cunha
Coordenador

Corpo Funcional
Amauri de Oliveira Prado
Ana Rita Uliano da Silva
Arselle de Andrade da Fontoura
Cátia Regina Hodecker
Dinorah Luisa de Melo Rocha Brüske
Ednilson Nilton Cestrem
Elisangela da Silva
Fernanda Pirog Oçoski
Francisco Severino dos Santos
Gabriel Pavesi Goudard
Gerson Luiz Santana
Giane Maria de Souza
Janice Garcia
Leandro Brier Correia
Luis Paulo de França
Nelson Berndt
Nïvea Giovanella Reinert
Rodrigo Boçoen
Thainá Camila Tambosi

Organização, coordenação, editoração e diagramação do Boletim

Giane Maria de Souza

Revisão do Boletim

Giane Maria de Souza
Nelson Berndt

Auxílio na revisão e editoração
Thainá Camila Tambosi

Endereço do AHJ

Av. Hermann A. Lepper, 650, Saguaçu
CEP: 89221-005

Telefones: (47) 3422-2154 ou (47) 3422-2329
E-mail: arquivohistorico@joinville.sc.gov.br

Aceitamos críticas, sugestões e envio de propostas, matérias e artigos.
Participe!

50 anos ARQUIVO HISTÓRICO de Joinville

Prefeitura de Joinville | CULTURA E TURISMO